UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ROSANGELA SANTOS FERREIRA

COTIDIANO POPULAR E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DA MULHER PRESENTES NA OBRA GABRIELA, CRAVO E CANELA DE JORGE AMADO

ERECHIM
2021

ROSANGELA SANTOS FERREIRA

COTIDIANO POPULAR E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DA MULHER PRESENTES NA OBRA GABRIELA, CRAVO E CANELA DE JORGE AMADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II

Orientadora: Débora Clasen de Paula

Erechim – RS

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

, Rosangela Santos Ferreira
COTIDIANO POPULAR E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DA MULHER PRESENTES NA OBRA GABRIELA, CRAVO E CANELA DE JORGE AMADO / Rosangela Santos Ferreira . -- 2021.
69 f.

Orientadora: Doutora Débora Clasen de Paula

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Erechim, RS, 2021.

1. MULHERES. SUBJETIVAÇÃO. MORAL. LITERATURA. SÉCULO XX.. I. Paula, Débora Clasen de, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Titulo.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS

ROSANGELA SANTOS FERREIRA

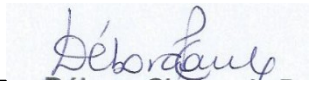
COTIDIANO POPULAR E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DA MULHER PRESENTES NA OBRA GABRIELA, CRAVO E CANELA DE JORGE AMADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção de título de graduação em Licenciatura em História.

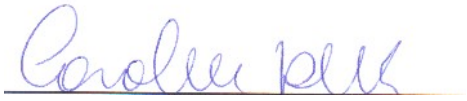
Orientadora: Débora Clasen de Paula

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 21/05/2021

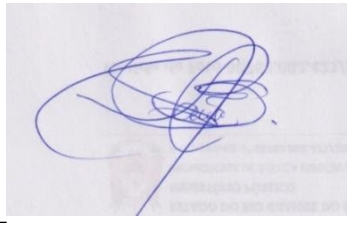
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra Débora Clasen de Paula



Profa. Dra Caroline Rippe de Mello Klein



Prof. Dr. Paulo José Sá Bittencourt

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora professora Drª. Débora Clasen De Paula, por aceitar conduzir o meu trabalho de conclusão, apesar da intensa rotina de sua vida acadêmica e pessoal. As suas sugestões fizeram toda a diferença.

Agradeço aos professores Dr. Paulo Bittencourt e Dr. Gérson Severo, eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais com todas as sugestões de leituras.

A professora Drª. Caroline Rippe e professor Dr. Gérson Fraga, pelos ensinamentos que tiveram um papel importante durante minha formação acadêmica.

A todos os meus professores do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, pela contribuição no meu processo de formação.

E também a minha professora da segunda série, professora Zelma, por sua dedicação. Minha eterna gratidão.

Agradeço aos meus pais e ao meu marido Antônio.

[...]Falamos uma outra linguagem. Eles dizem representação. Nós dizemos experimentação. Eles dizem identidade. Nós dizemos multidão. Eles dizem controlar a periferia. Nós dizemos mestiçar a cidade. Eles dizem dívida. Nós dizemos cooperação sexual e interdependência somática. Eles dizem capital humano. Nós dizemos aliança multi-espécies. Eles dizem carne de cavalo nos nossos pratos. Nós dizemos montemos nos cavalos para fugir juntos do abatedouro global. Eles dizem poder. Nós dizemos potência. Eles dizem integração. Nós dizemos código aberto. Eles dizem homem-mulher, Branco-Negro, humano-animal, homossexual heterossexual, Israel-Palestina. Nós dizemos você sabe que teu aparelho de produção de verdade já não funciona mais.[...] Nossa insurreição é a paz, o afeto total. Eles dizem crise, nós dizemos revolução.

Beatriz Preciado

RESUMO

O romance G*abriela, cravo e canela* do escritor brasileiro Jorge Amado*,* traz em seu enredo uma discussão sobre o lugar que as mulheres de diferentes classes e etnias ocupam dentro da nossa sociedade. Vemos mulheres com uma vida independente da figura masculina e através do cotidiano apresentado na obra, podemos observar os seus modos de subjetivação. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar como se constrói no romance *Gabriela, cravo e canela* os modos de subjetivação da mulher e como esses corpos representam a "anti-norma" da moral burguesa. Propõe-se, com isso, apresentar reflexões e conceituar sobre a mulher no século XX período do romance, como uma forma de analisar, através do cotidiano, a subjetivação das personagens Gabriela, Sinhazinha e Malvina e como elas representam a "anti-norma" dos valores vigentes e os rompem. Para isso, o método utilizado é o bibliográfico qualitativo, tendo como material a literatura a disposição sobre o tema.

Palavras-chave: Personagens. Anti-norma. Moral. Mulher. Romance.

ABSTRACT

The romance Gabriela, cravo e canela by Brazilian writer Jorge Amado, brings in its narrative a discussion about the place that women of different classes and ethnicities occupy within our society. We see women with a life independent of the male figure, and through the quotidian presented in the work, we can observe its modes of subjectification. So, this course conclusion work aims to analyze how it is built in the romance *Gabriela, cravo e canela* the modes of subjectification of women and how these bodies represent the "anti-norm" of bourgeois morality. Thereby, it is proposed to present reflections and conceptualize women in the twentieth century, a period of romance in the as a way of analyzing through daily life the subjectivity of the characters Gabriela, Sinhazinha e Malvina and how they represent the "anti-norm" of current values and break them. For this, the method used is the qualitative bibliographic, having as material the literature available on the topic.

Key words: Characters. Anti-norm. Morality. Women. Romance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO ……...……...10

2. LITERATURA GÊNERO E SEXUALIDADE: A MULHER NO SÉCULO XX……..……..17

2. 1. Considerações iniciais: o autor e a obra ….…….17

2.2 O Brasil da década de 1920: Coronelismo **...**…….……..……22

2. 3 Estado, medicina e família patriarcal …….. 24

3. CHEIROS, CORES E SABORES: A MULATA GABRIELA ......……32

3.1. Miscigenação e a construção da mulata **…**……33

3.2. Gabriela, cheiro de cravo e cor de canela …….35

3.3. Sorriso, riso e gargalhadas: O *grotesco* em Gabriela …… 41

4. COTIDIANO POPULAR E RELAÇÕES DE GÊNERO: PATRIARCALISMO E SUBJETIVAÇÃO FEMININA NA CIDADE DE ILHÉUS ...……45

4.1. O patriarcalismo no cotidiano ou a morte violente de dona Sinhazinha ……..46

4.2 À indiferente, à ingrata, à soberba, à orgulhosa Malvina **..**……..51

4. 3 A subjetivação feminina …….…...……57

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS ..…… 65

REFERÊNCIAS ...…… 67

1. INTRODUÇÃO

A mulher sempre esteve presente nas obras de Jorge Amado, originárias de diferentes classes sociais e etnias. Mulheres que vão contra as normas sociais impostas, deixando de ser objetos manipulados pelo homem e pela sociedade e tornando-se desta forma, sujeito de seu próprio destino. Em "*Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*", vemos uma mulher que possui uma vida independente da figura do homem rompendo com o que se tinha até então, uma mulher que só existia concomitantemente a figura masculina. O romance traz uma discussão sobre o lugar que essas mulheres de diferentes classes e etnias ocupam dentro da nossa sociedade.

A história é repleta de fatos e acontecimentos que mostram a vida quotidiana das pessoas de Ilhéus na Bahia. Entre mortes, brigas por terra, embates políticos, moralidades em meio a uma sociedade patriarcal, e fortemente religiosa e de valores burgueses, o cotidiano feminino é marcado por rígido controle. Assim "[…] é um romance novelesco, marcado por registros do cotidiano da gente de Ilhéus, em um momento importante da história da cidade – quando essa florescia, junto com os pés de cacau, para a modernização de sua estrutura física, política e cultural." (BRUGGE, 2015, p. 28).

Entre o Bar Vesúvio e os cabarés, as fofocas dos últimos acontecimentos são predominantemente espalhadas pelos homens que frequentam o bar e as ruas da cidade. Esse é o cenário que configura a narrativa do romance, onde se desenvolvem os principais acontecimentos da trama de uma cidade do interior - em conflito entre o passado dito atrasado e o presente marcado pelo progresso das novas construções e mudanças nos comportamentos pessoais.

Diante do cenário atual, de uma retomada dos valores falocêntricos, aliados a uma cosmovisão patriarcal, dialogar com questões que nos remetem a problematização sobre o lugar que a mulher ocupava e ocupa na sociedade e questionar como os corpos femininos romperam e rompem com a norma vigente torna-se importante, necessário e urgente. Diante disso, trazer para o debate personagens que vão contra esses discursos é fundamental para entendermos como eles se produziam e continuam em nossa sociedade.

No que se refere a metodologia do trabalho, será realizada a análise de como se constrói os modos de subjetivação da mulher e como esses corpos representam a "anti-norma" da moral burguesa no romance *Gabriela, cravo e canela*. Assim, para análise faz-se

necessário uma investigação bibliográfica, com a finalidade de se obter um embasamento teórico-metodológico para a realização dessa pesquisa. Portanto, o método utilizado foi o bibliográfico qualitativo[1], tendo como material a disposição a edição do romance de Jorge Amado publicado em 2012 pela Companhia das Letras. O recorte temporal do trabalho abrange os anos de 1890 à 1925, período de mudanças socioeconômicas e políticas no Brasil e também a década de 1925, retratada no romance. O cenário narrativo dessa obra é a cidade de Ilhéus, na Bahia, espaço geográfico cheio de simbolismos e também a terra natal de Jorge Amado, onde passou a infância e viveu experiências que marcaram sua produção literária.

No que se refere a literatura, esta recebe influências da cultura e também da sociedade em que é produzida. Seu caráter social deve-se ao fato de ter como objeto a realidade vivenciada. Assim, é possível compreender que os autores sentem necessidade de expor sua visão de mundo. Com isso podemos perceber a ligação entre a literatura e a sociedade quando descobrimos como as influências culturais e sociais, ao se incorporarem na estrutura da obra, manifestam uma realidade e experiências socioculturais de um povo em um tempo histórico.

A partir da pesquisa bibliográfica e revisões realizadas, podemos constatar que nas mãos dos pesquisadores a literatura pode representar muito mais que um enredo voltado para o entretenimento. Como coloca Ferreira (2012, p.61)

> […] nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo.

Desde a segunda metade do século XX, a forma de se escrever a História vem passando por mudanças, e estas são fundamentais para a construção do conhecimento e do saber histórico. A interdisciplinaridade que adentrou a História contribuiu e contribui não só no desenvolvimento da historiografia, mas possibilitou o enriquecimento no ensino da disciplina. Assim os diferentes métodos e fontes de pesquisa se tornaram importantes, favorecendo a escrita histórica. Peter Burke (2010) chamou de Revolução Francesa da Historiografia. Um dos pontos de partida para essa nova abordagem, que provocou mudanças

[1] A pesquisa qualitativa é uma metodologia que explora fenômenos sociais e do comportamento humano. Seu foco está na particularidade subjetiva do objeto analisado. Busca assim, compreender os motivos e os comportamentos dos sujeitos e dos fenômenos, estudando as suas especificidades e experiências individuais, buscando produzir informações aprofundadas e criando novos referenciais. Minayo (1994, p. 21-22), diz que a pesquisa qualitativa "[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis".

significativas, foi a compreensão do tempo histórico. Segundo Reis, Febvre em um de seus artigos ironiza o tempo histórico positivista, que se volta para reis, datas e batalhas, seguindo a ordem cronológica rigorosamente. Com isso "(…) eles colocaram em pauta uma História-problema, orientada para a compreensão da complexidade e da totalidade das experiências humanas." (FERREIRA, 2012, p. 63).

Os *Annales* colocavam a história voltada para a crítica e com diferentes áreas do conhecimento interligadas, com ênfase nos processos sociais. A Revista tinha também como um de seus objetivos a interação entre a História e as Ciências Sociais e, conforme Reis realizou uma mudança substancial, uma vez que proporcionou essa aproximação. Isso fez com que a História se voltasse para outros campos de investigação e da pesquisa, passando a problematizar, o que foi importante para a produção do conhecimento crítico que vemos hoje. De acordo com Reis "Os *Annales* realizaram uma revolução no conhecimento histórico" (REIS, 2008, p. 29) e na historiografia. Com efeito, depois de um longo desenvolvimento historiográfico abriu-se espaço para outras fontes de pesquisas, as "fontes imateriais". Reis diz que,

> Os documentos não são mais ofícios, cartas, atas, editais, textos explícitos sobre a intenção do sujeito, mas listas de preços, de salários, séries de certidões de batismo, óbito, casamento, nascimento, fontes notórias, contratos, testamentos, inventários. A documentação massiva e involuntária torna-se prioritária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Os documentos são arqueológicos, pictográficos, iconográficos, fotográficos, cinematográficos, numéricos, orais, enfim, de todo tipo. Todos os meios são tentados para se vencer as lacunas e silêncios das fontes, mesmo, e não sem riscos, os considerados antiobjetivos. (REIS, 2008, p.28)

Hoje os campos de pesquisa são diversos, segundo Barros (2012, p.130-131) "(...) não há praticamente limites para o historiador quanto à possibilidade de transformar qualquer coisa em fontes históricas". Com essa conquista gradual de novas fontes, o historiador passa a dispor de métodos outrora não utilizados e consequentemente passou a recorrer a objetos anteriormente desprezados pela História tradicional, chegando em novos meios de pesquisa e fontes, assim como o desejo por assuntos antes não estudados, por meios dessas fontes antes inexploradas.

O conjunto de fontes ampliadas no século XX tem nos permitido levantar questões sobre nossos comportamentos, gestos, atitudes, algumas expressões, que estão em nosso dia-a-dia e faz parte de um passado, "[…] e também assim em certos hábitos enraizados, expressos na vida cotidiana e na prática comportamental, que se busca uma fonte, uma evidência ou um testemunho do passado"(BARROS, 2012, p. 131). Essa coletividade de

nosso passado se perpetua em nossa cultura até hoje, fazendo parte do nosso imaginário. Tendo em vista esse contexto, a História atualmente trabalha com um conceito ampliado de fontes históricas e como tal, são uma importante ferramenta no campo da pesquisa. E como tal, a literatura contribui e enriquece o estudo, devido a sua narrativa cultural e social diversificada. Mesmo a literatura não tendo uma linguagem "científica" ela pode complementar ou ser a fonte de um determinado estudo e proporcionar ao historiador/pesquisador fatos que só encontra naquela obra literária,

> […] que nem sempre são descritos em textos de caráter historiográfico. Por meio do estudo da História com base em documentos literários é possível resgatar, por exemplo, elementos da história de grupos excluídos (…) e finalmente, é possível desvelar aspectos da mentalidade de uma época que não puderam se expressar em sua sociedade num determinado período.(ABUD; MELO; ALVES, 2010, p. 55)

A escolha das fontes é um passo importante para a produção de uma pesquisa. Por conseguinte a História utiliza variadas fontes de pesquisa, assim como vários meios e campos do conhecimento a seu favor. Devemos ter em mente que, assim como outros campos de conhecimento, a literatura, possui um enredo ficcional, com uma trama articulada e personagens construídos, ainda que estes enredos tenham conteúdos e personagens históricos. Desta forma a literatura não deve ser encarada como cópia da realidade histórica, mas sim como uma forma de abordar um tema histórico, o que auxilia, portanto, na compreensão dos fatos históricos.

Dito isso, sabemos que atualmente os textos literários cada vez mais são comuns como fonte de estudo. É um recurso precioso, tanto para a pesquisa quanto para o ensino de História, principalmente por conter aspectos do cotidiano social e cultural, mas também pelo seu tempo. Em virtude disso, o uso da literatura “(...) está inteiramente entranhado na história e de história, não só porque integra os modos de produção, circulação e consumo da cultura em épocas determinadas, mas também por ter o tempo como elemento básico de sua estrutura narrativa.” (FERREIRA, 2012, p. 75). Uma definição da literatura analisada por Eagleton (2006) é a proposta pelos formalistas russos. Segundo o autor, para eles, a literatura não é definida pelo fato de ser ou não ficcional ou imaginativa, mas por empregar a linguagem de forma particular; uma espécie de “violência organizada contra a fala comum” (EAGLETON, 2006, p. 03, *apud* BRUGGE, 2015, p.17). A autora compreende a literatura enquanto arte e para ela a literatura é

> Uma modalidade artística que se manifesta através da palavra escrita e que tem por finalidade a recriação da realidade a partir da visão do artista (o escritor). Uma vez arte, a literatura se encontra liberta de certas amarras linguísticas, formais e

> pragmáticas próprias do discurso corrente ou do científico, por exemplo. Uma vez arte, a literatura possui a liberdade de expressar sentimentos, pensamentos, sensações, contradições que são próprias do humano; pode também incluir em suas produções elementos próprios da realidade empírica – como práticas culturais, fatos históricos, políticos e sociais, descrições fidedignas de cidades etc. – bem como elementos fantásticos, frutos da imaginação, da criação e da loucura humana. Parafraseando Nietzsche, diria que a literatura é uma modalidade escrita humana, demasiado humana. (BRUGGE, 2015, p.24)

É importante destacarmos que essa entrada da literatura como fonte de pesquisa teve início com Lucien Febvre. Ferreira (2012, p. 63) nos diz que, “A História das Mentalidades, particularmente, abriu espaço para a investigação dos textos literários. Lucien Febvre, precursor de tal abordagem, demonstrou grande sensibilidade para com esse tipo de fonte […]” (FERREIRA, 2012, p. 63). Em suma, os documentos são sem dúvida, formadores de opiniões, como também propagador de conhecimentos, a sua utilização não é de forma alguma incorreta, nem tão pouco desnecessário, mas vale lembrar que não é o único meio de pesquisa.

Neste sentido é importante destacar o uso da Literatura como uma ferramenta no trabalho historiográfico, enquanto uma fonte na pesquisa científica. O documento, que "[…] será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica."(LE GOFF, 2003, p. 526). E ele não deixa de ser importante, mas como tal também é uma fonte, assim como a literatura, a música, as fotografias e entre tantas outras, que podem ser utilizadas como fonte de pesquisa.

Desse modo, o universo da literatura, tal como o da história, também constitui uma socialização de valores, memórias e discursos. Usar a literatura como meio de pesquisa não é “abrir mão da cientificidade” que a história possui, ou mesmo reduzi-la ao gênero literário, é ir além de algo que tinha sido imposto há muito tempo e que parecia inquestionável. Ferreira (2012, p. 83-84) diz que,

> A historiografia levou algum tempo para que a literatura pudesse contribuir para o conhecimento das experiências individuais e coletivas de homens e mulheres no tempo. Foi preciso compreender que a história também comportava dimensões subjetivas, imaginária, onírica e ficcionais, tão importantes quanto os acontecimentos políticos, sociais e econômicos. Afinal, que outras fontes a não ser as artísticas, dentre as quais sobressai a literatura, deixariam registros tão preciosos e plurissignificativos desse universo humano recôndito, frequentemente recalcado noutros documentos?

A abordagem da literatura como fonte, serve de partida para novas investigações, uma vez que essa escolha não torna a história menos científica ou até mesmo uma história

ficcional. Os textos literários contribuem na construção do conhecimento científico, enquanto fonte de pesquisa e documento de análise na produção de conhecimento científico em História. Nas palavras de Bakhtin[2] (2003, p.267), em sua teoria sobre os gêneros discursivos, a estilística do romance merece destaque

> A linguagem literária é um sistema dinâmico e complexo de estilos de linguagem; o peso específico e sua inter-relação no sistema da linguagem estão em mudança permanente. A linguagem da literatura cuja composição é integrada pelos estilos da linguagem não-literária, é um sistema ainda mais complexo e organizado em outras bases.

Em *Questões de Literatura e Estética* (1998), Bakhtin afirma que o romance é um gênero sempre vivo e aberto a inovações quer temáticas quer composicionais, para ele os gêneros do discurso vão acumulando formas de visão de mundo e neste sentido a literatura - e outros gêneros - apresenta e compartilha olhares e sentidos que explicam o caráter de uma sociedade, de uma época. Bakhtin define o romance como um fenômeno plural, pluri-estético, plurilinguístico e plurivocal e a literatura seria um ato criador tornando-se também a substância desse ato. A relação entre uma obra e o seu condicionamento social só muito recentemente ganhou um outro olhar. Antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de determinados estudos dependiam destes exprimirem ou não certo aspecto da realidade e veracidade, e que estes aspectos constituíam o que se tinha de essencial para a pesquisa. No entanto, o complemento entre as diferentes áreas do conhecimento, sem deixar de lado a análise estética do relato literário, analisando o vínculo entre a obra e o ambiente social, o que está em jogo para a compreensão de uma obra literária ou artística são as circunstâncias históricas de sua composição. Sendo a obra literária produto de uma individualidade e atos subjetivos, já que as construções culturais exercem sobre a vida social experiência e novos modos de ser.

A realidade de um povo e particularmente das mulheres submetidas às injustiças em um país com discurso patriarcal e machista tornaram-se uma das substâncias do ato criador de Jorge Amado.

Este trabalho traz, em seu capítulo dois, Literatura, gênero e sexualidade: a mulher no século XX. Nele, nos propomos a fazer uma breve abordagem da obra e do período histórico e social assim como uma revisão da literatura sobre a mulher no século XX.

---

[2] Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895 Oriol, Rússia) foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes.

A partir da revisão dos trabalhos torna-se possível analisar no capítulo três, Cheiros, cores e sabores: a mulata Gabriela, os conceitos de raça e mestiçagem, com o objetivo de investigar a figura da mulata na obra a partir da personagem Gabriela, como um sujeito que rompe com as normas vigentes. Além disso, este capítulo também tem como objetivo entender o que torna essa personagem diferente das demais.

No capítulo quatro, Cotidiano e relações de gênero: os modos de subjetivação feminina na cidade de Ilhéus, discutimos o patriarcalismo na sociedade, suas implicações para os corpos femininos fazendo uma análise dos atos de outras duas personagens: Malvina e Sinhazinha. Em seguida identificamos a subjetivação da mulher a partir dessas personagens analisadas.

Ainda que na atualidade tenhamos algumas vitórias como a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a ampliação da liberdade sexual e reprodutiva, a independência financeira e os direitos políticos, personagens como essas nos mostram a trajetória e a condição em que a mulher vivia e que permanece em nossa sociedade. A violência, o preconceito, o sexismo, a desvalorização, entre tantas outras formas excludentes ainda fazem parte do nosso dia-a-dia. É no meio destas condições que a luta das mulheres desponta como libertária e/ou transgressora. A partir disso, em um estudo sobre a mulher apresentada no romance, espera-se ter informações suficientes para refletir se Gabriela, Sinhazinha e Malvina, enquanto mulheres fortes e obstinadas, que não se calam diante de uma sociedade machista, rompem com um discurso socialmente aceito. A partir disso, analisar os seus modos de subjetivação e se esses corpos representam uma “anti-norma” da moral burguesa.

2. LITERATURA, GÊNERO E SEXUALIDADE: A MULHER NO SÉCULO XX

Quando olhamos para o passado e analisamos os costumes e as formas como as pessoas de cada período se relacionavam com o próprio corpo e com sua sexualidade, compreendemos muito dos hábitos e preconceitos enraizados em nossa sociedade. Não precisamos ir muito longe, basta olhar a história para vermos que a repressão sexual vem de longa data e como nossa sociedade continua a reproduzir um discurso patriarcal sobre o "lugar" da mulher.

Durante séculos a vida sexual das mulheres foi definida por terceiros, em alguns momentos pela igreja, em outro pela medicina aliada ao Estado. No final do século XIX, início do XX, em meio às mudanças sociais, imigração, epidemias, discursos higienistas, as práticas de vida da população brasileira tornaram-se objeto de grande preocupação de médicos, sanitaristas, reformadores sociais e da própria burguesia industrial. O discurso médico, voltado para o cuidado com a saúde, se apropria do que já vinha sendo colocado pela igreja, estabelecendo o que seria bom ou ruim para a vida conjugal, onde a finalidade era a procriação e o objetivo de vida de cada mulher estava relacionada à família. As discussões a respeito desse tema, bem como a contextualização do período e algumas definições serão abordadas e aprofundadas nas próximas páginas. As considerações que seguem tem por objetivo situar o leitor dentro do enredo do romance e no ambiente socioeconômico brasileiro da década de 1920. Período que compreende a Primeira República. Vale destacar que esse período ainda está sob forte influência das teses higienistas e sanitaristas e que os discursos recaiam sobre o corpo feminino, assim como questões morais que viam na mulher a guardiã do lar.

Desta forma, trazemos nesse capítulo uma contextualização sobre o autor e a obra. Sob a ótica de Boris Fausto, Maria Lúcia Mott, Maria Maluf e Maria Izilda Matos, nos propomos a fazer uma breve abordagem desse período histórico e social, assim como uma revisão da literatura sobre a mulher no século XX.

2. 1. Considerações iniciais: o autor e a obra

A imagem de um Brasil vibrante é vendida e difundida por todo o mundo. Fruto de uma construção moderna e uma invenção coletiva, sobretudo pelo movimento Modernista da

década de 1922 e do Tropicalismo do fim da década 1960. “[...] que hoje se concretiza nas escolas de samba, nos grupos de afoxé, nas bandas de pífaro nordestinas e também nas paisagens promocionais dos pampas gaúchos e da floresta amazônica”. (CASTELLO, 2009, p.11). Além dessas construções, temos também “uma imagem que teve muitos inventores. Talvez nenhum tenha sido tão importante quanto o escritor baiano Jorge Amado*”. (Idem, Ibdem*). De acordo com Castello, um Brasil festivo e alegre teria semelhanças com Jorge Amado. Essa semelhança começa a partir da figura calorosa, sorridente e do jeito informal do escritor. Conforme coloca Castello, “Jorge guardava em sua figura um tanto da inocência do Brasil profundo em que nasceu — a fazenda Auricídia, em Ferradas, distrito de Itabuna, sul da Bahia” (CASTELLO, 2009, p.13).

Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912 e, quando tinha dois anos, sua família mudou-se para Ilhéus, onde ele passou sua infância. Sua vida e as experiências em Ilhéus foram parte do seu universo literário. Já na década de 1930, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde estudou direito. Nesse período Jorge Amado entrou em contato com a militância de esquerda. Devido a sua militância política sofreu perseguições e censuras, durante o Estado Novo. Em 1945 foi eleito deputado federal pelo PCB, entre seus projetos de lei, estava o que instituía a liberdade de culto religioso. Seu primeiro romance publicado foi “O país do carnaval” em 1931. Em 1945 conheceu Zélia Gattai com quem casou-se e teve dois filhos. Viveu com ela até sua morte em Salvador, Bahia, em 6 de agosto de 2001. Em sua literatura de denúncia social, trouxe à tona a realidade da política dos poderosos e o desamparo da população pobre do Brasil. Entre as décadas de 1940 e 1950 viajou pela América Latina, Europa e União Soviética. De volta ao Brasil, Jorge Amado afastou-se da militância política, rompendo com o PCB nos anos 1950. A partir de então suas obras passam a dar mais destaque ao humor, ao sincretismo religioso, a miscigenação e a sensualidade, como *Gabriela, cravo e canela*, considerado diferente de suas publicações anteriores,

> […] de resto, é um retorno ao chamado “ciclo do cacau”. Ao universo de coronéis, jagunços, prostitutas e trambiqueiros de calibre variado, que desenham o horizonte da sociedade cacaueira. No caso, a Ilhéus rica da década de 20, ansiando progressos e avançando na noite litorânea, entre bares e bordéis. A perspectiva, no entanto, é claramente distinta. Antes que se articular em função do utopismo marxista, o livro se deixa imangiar pelo seu presente. E é uma explosão, uma folia de luz e cor e som e sexo e riso. O sucesso é imenso. E a trama do romance vai se desprender das letras, da moldura tipográfica, para virar filme, telenovela, fotonovela, quadrinhos, canção. O romance teve sua 1ª edição pela Livraria Martins Editora, São Paulo, 1958, com 453 páginas, capa de Clóvis Graciano e ilustrações de Di Cavalcanti.[3]

[3] Fundação Casa de Jorge Amado. Organização não-governamental sem fins lucrativos. Disponível em: < http:// www.jorgeamado.org.br/?lang=pt> acesso em 03 de fev. de 2021.

Gabriela cravo e canela: crônica de uma cidade do interior, é um romance da década de 1920, que tem como cenário a cidade de Ilhéus, na Bahia. O enredo traz o romance de uma jovem retirante chamada Gabriela e um comerciante árabe, Nacib. Gabriela, mulata, cor de canela e um "perfume de cravo". Mas é com seu patrão que ela vivencia um romance. Casando-se com ele, para em seguida se divorciar. Entre os ciúmes e a necessidade de educar Gabriela, que agora é uma senhora da sociedade, de "representação", a moça se vê presa à instituição do casamento. As novas regras e condutas sociais que tem que seguir são a todo momento questionadas por nossa jovem retirante, moça do povo. Faltava-lhe a liberdade dentro do relacionamento monogâmico burguês.

Muito além de uma narrativa focada em um romance, em que uma mulher busca se ajustar encontrando um lar para ser seu, ou de todas as dificuldades enfrentadas pela migrante Gabriela, vamos ver que um dos principais focos narrativos é o drama feminino que não é só de Gabriela, mas outros personagens que se encontram diante da moralidade da época. O romance aborda as dimensões do individual e do coletivo por meio do romance de Nacib e Gabriela e a disputa política entre o coronel Ramiro Bastos e Mundinho Falcão.

É importante destacarmos os dois grandes focos narrativos da obra sendo um deles econômico /político e o outro étnico/cultural. Dito isso, podemos destacar no primeiro a resistência conservadora da oligarquia fundiária dos coronéis diante de um liberalismo político econômico de direitos individuais e igualdade. Há a disputa política na cidade de Ilhéus na década de 1925-1926, entre o coronel Ramiro Bastos e o forasteiro Mundinho Falcão, que forma a oposição. A rivalidade entre os dois, mostra de forma clara os contornos da política desse período. Enquanto Mundinho Falcão conta com apoio do setor federal sendo ele liberal progressista, o coronel Ramiro Bastos reage de forma negativa diante das mudanças e do progresso econômico e cultural que a cidade vem passando, buscando assim a conservação do setor político com apoio da esfera estadual. Enquanto isso, na outra direção temos as transgressões não só de Gabriela, mas também de outras personagens femininas. Esse eixo é marcado pela ruptura mas também continuidade dos valores morais no interior da sociedade e da família burguesa. É possível perceber rupturas quando olhamos essas personagens, que diferente de outras personagens femininas que estão sempre em companhia de alguém, seja sua mãe, sua escrava, ou até mesmo uma figura masculina como um irmão, pai, ou marido, essas personagens não se detém à clausura na privacidade de seus lares ao

observarem de suas janelas o dia acontecer, assim como em Aurélia[4].

A obra Gabriela, cravo e canela é cheio de elementos polêmicos como adultério, prostituição, corrupção, violência, machismo, em uma sociedade patriarcal estratificada. Os personagens femininos, mesmos os secundários, esposas, filhas de coronéis, solteironas,

prostitutas, empregadas domésticas destacam-se como elementos essenciais para o enredo, tanto que alguns capítulos recebem seus nomes, além do próprio livro, que é o nome da personagem principal. O romance não inicia direcionado na personagem central, ela aparece apenas no final do primeiro capítulo. A história se inicia em um dia ensolarado, com os corpos de dois amantes, frutos de um crime passional.

> [...] no mesmo dia claro, de sol primaveril em que o fazendeiro Jesuíno Mendonça matou, a tiros de revólver, dona Sinhazinha Guedes Mendonça, sua esposa, expoente da sociedade local, morena mais para gorda, muito dada às festas de igreja, e o dr Osmundo Pimentel, cirurgião-dentista chegado a Ilhéus há poucos meses […] Como opinara depois João Fulgêncio, homem de muito saber, dono da Papelaria Modelo, centro da vida intelectual de Ilhéus, fora mal escolhido o dia, assim formoso, o primeiro de sol após a longa estação das chuvas[…] (AMADO, 2012, p. 9)

Não que ele não se importasse com o trágico destino daquela senhora, mas o narrador nos deixa claro que "Assim era em Ilhéus, naqueles idos de 1925, quando floresciam as roças nas terras adubadas com cadáveres e sangue e multiplicavam-se as fortunas, quando o progresso se estabelecia e transformava-se a fisionomia da cidade" (AMADO, 2012, p. 9).

> Naquele ano de 1925, quando floresceu o idílio da mulata Gabriela e do árabe Nacib, a estação das chuvas tanto se prolongara além do normal e necessário que os fazendeiros, como um bando assustado, cruzavam-se nas ruas a perguntar uns aos outros, o medo nos olhos e na voz: – Será que não vai parar? Referiam-se às chuvas, nunca se vira tanta água descendo dos céus, dia e noite, quase sem intervalos. (AMADO, 2012, p. 15)

Na primeira parte, temos o encontro nada romântico de Nacib com Gabriela, que a contrata no "mercado de escravos" e a leva para casa, sem notar sua beleza, escondida em meio a sujeira que a encobria, o corpo imundo e as roupas encardidas, pela viagem a pé.

No jantar servido no Bar Vesúvio em que é declarada a oposição política entre Mundinho Falcão "jovem, moderno, progressista, elegante, rodeado de belas mulheres" (BRUGGE, 2015, p. 28) e o coronel Ramiro Bastos, "velho, oligarca, rodeado de outros

[4] Aurélia é uma personagem do romance S*enhora(1875)* de José de Alencar. Ela, a pedido de sua mãe, passa as tardes na janela e esse ato, longe de ser um passa tempo, tinha por finalidade mostrar-se a sociedade, atrair moços da Corte e assim um casamento. A condição humilde em que elas viviam, a mãe doente precisando de cuidados não lhe traz alternativas a não ser expor-se à janela na tentativa de arranjar um bom casamento.

velhos coronéis e da família, a esquentar no sol, como roupa velha mofada, sozinho na praça, observando...” (BRUGGE, 2015, p. 28), as mudanças e a modernização que passava a cidade “Consequências da fartura advinda do cacau: cinemas, bares, cabarés, lojas, bailes no Clube Progresso.” (BRUGGE, 2015, p. 28). Depois do jantar temos o encontro de Nacib ao ir para casa e se depara com Gabriela, quase desnuda, deitada na cadeira, a esperar por ele. Cozinheira de mão cheia, logo começa a trabalhar para o turco Nacib. Ainda nessa primeira parte, o segundo capítulo é dedicado a Glória “a suspirar na janela”.

> A casa de Glória ficava na esquina da praça e Glória debruçava-se à tarde na janela, os robustos seios empinados como numa oferenda aos passantes. Uma e outra coisa escandalizavam as solteironas que vinham para a igreja, e davam lugar aos mesmos comentários, cada dia, na hora vespertina da prece: – Falta de vergonha... (AMADO, 2012, p. 83)

A Segunda Parte chama-se *Gabriela, Cravo e Canela*, com os capítulos terceiro e quarto intitulados respectivamente: *O segredo de Malvina* e *O luar de Gabriela*. O terceiro capítulo, traz Malvina filha do coronel Melk Tavares. “No jardim, a cuidar de suas flores, ajoelhada entre elas, mais bela que elas, sonhava Malvina, filha única de Melk, aluna do colégio das freiras, por quem, suspirava Josué.” (AMADO, 2012, p. 83). Descrita como bela e fria era por ela que o professor do colégio Enoc, Josué, suspirava de amores e “Era para ver Malvina, bela e fria, que, nos fins da tarde, ele vinte vezes fazia aquele percurso em passos lentos, um livro de versos na mão.” (AMADO, 2012, p. 84). Malvina que não queria saber de casamento arranjado, queria estudar, desafia o poder do pai ao namorar Rômulo, por pensar que esse lhe proporcionaria tudo aquilo que ela queria. Rômulo, um engenheiro, casado, vindo para Ilhéus a pedido de Mundinho Falcão para trabalhar nas obras da barra, é obrigado a fugir quando Melk descobre o romance dos dois. É a partir daí que Malvina percebe que pode conseguir o que quer sem precisar casar-se com um homem.

Chega ao fim a guerra política na cidade de Ilhéus com a morte de Ramiro Bastos no quarto e último capítulo, temos também a oficialização do romance entre Glória e Josué. Este, antes apaixonado por Malvina, se interessa por Glória, que era amante de outro coronel. Presenciamos a insatisfação de Gabriela com as regras que tem que seguir devido ao seu casamento, “Tudo quanto a senhora Saad devia fazer, ah! essas coisas Gabriela não as tolerava. Mas terminava cedendo para não magoar seu Nacib tão bom” (AMADO, 2012, p.260). Ela se relaciona com Tonico Bastos, isso leva ao fim do casamento mediante anulação e Gabriela sai de casa. Nacib não cumpriu a lei antiga, onde marido traído tem o direito de

matar a esposa, ainda assim ninguém ri dele ou o chama de corno, pelo contrário, Tônico é humilhado e sai da cidade enquanto Nacib fica amargurado e vai se recuperando.

As obras na barra para a exportação do cacau direto de Ilhéus se completam com sucesso. Nacib e Mundinho abrem um restaurante juntos e Gabriela é recontratada por Nacib, algum tempo depois ambos reiniciam seu caso. Para finalizar contrariando a lei da época, em um epílogo, o coronel Jesuíno Mendonça, assassino de sua esposa dona Sinhazinha e de seu amante Osmundo, por ciúmes, é condenado à prisão.

2.2 O Brasil da década de 1920: Coronelismo

Em relação ao romance *Gabriela, cravo e canela*, a política retratada é o Coronelismo. O coronel Ramiro Bastos que chegou ao poder graças ao apoio do governo do Estado e exerce sua força e autoritarismo é contra os avanços econômicos e sociais que a cidade vem passando.

A Primeira República, também conhecida como República Velha[5], durou de 1889 a 1930. Foi marcada por movimentos sociais, como a revolta da chibata e a revolta da vacina. Além disso, a política dos governadores, o voto de cabresto, a república do café com leite, o tenentismo e a Coluna Prestes[6] também são termos empregados com frequência para nos referirmos a essa época. A Primeira República é interpretada como um período marcado por um sistema de dominação baseado no latifúndio. Mas como coloca Boris Fausto (1989, p.90), "O sistema começa a apresentar sinais inquietantes de desequilíbrio, nos primeiros anos da década de vinte que se revelam no inconformismo das classes médias e, sobretudo, nas revoltas tenentistas". Ainda de acordo com Fausto (1989, p. 45),

> Não se pode negar a existência de disputas entre o setor agrário e o industrial das classes dominantes ao longo da Primeira República, nem a hábil construção ideológica efetuada pelos grupos agrários que produziram a imagem dos industriais como elementos parasitários, operando indústrias artificiais graças ao protecionismo, responsáveis pela alta do custo de vida, imagem enraizada profundamente nas classes médias daquela época.

[5] […] a primeira República recebeu outras designações. As mais sugestivas são as de República oligárquica, República dos "coronéis", República do "café-com-leite". Um bom caminho para se fazer uma caracterização geral do período consiste em perguntar se essas denominações são ou não adequadas. (FAUSTO,2006, p.261)

[6] A Coluna Prestes foi um movimento encabeçado por líderes tenentistas, ocorrido de 1924 a 1927. O movimento deslocou-se pelo interior do Brasil, pregando reformas políticas e sociais.

Em 1898, o presidente Campos Sales, preocupado com seu projeto político, precisava fazer passar no Congresso Nacional uma série de leis. Mas para isso seria necessário obter o apoio dos deputados e senadores, a partir disso, surgiu a Política dos Governadores, que vigorará até a Revolução de 1930. Com isso, o governo estadual repassava a tarefa das eleições para os chefes municipais, denominados de coronéis. Esses coronéis tinham o dever de garantir a eleição de deputados e senadores que estivessem aliados aos governos, tanto estadual quanto nacionalmente. Como uma forma de agradecimento, os coronéis mantinham seus privilégios locais e tinham direito a concessões e favores do governo estadual. Adotou-se assim, os contornos políticos que a caracterizariam como uma República Oligárquica, ou seja, com a participação de poucos e em que os coronéis, em outras palavras, grandes proprietários rurais, que exerciam o poder político em suas cidades[7]. Mas, de acordo com Fausto (2006, p. 263) "Seria errôneo pensar que os 'coronéis' dominavam a cena política na Primeira República. Em primeiro lugar, lembremos que outros grupos, expressando diversos interesses urbanos, tiveram papel significativo na condução política." Esses coronéis além de autoritários, viviam sobre uma dupla moral[8].

O coronelismo teve marcas distintas, de acordo com a realidade sociopolítica de cada região do país. Um exemplo extremo de poder dos "coronéis" se encontra em áreas do interior do Nordeste, em torno do Rio São Francisco, onde surgiram verdadeiras "nações de coronéis", com suas forças militares próprias." […] Na Bahia, o governo do Estado […] tinha que se harmonizar com os 'coronéis'. De outra forma, não seria possível governar" (FAUSTO, 2006, p.264).

Os coronéis de Ilhéus não eram realmente coronéis. Pois dava-se esse título aos donos de roça. Isso significa que ter o título de coronel, na maioria das vezes, implicava no reconhecimento de suas riquezas. Aos coronéis, tudo era permitido, frequentavam bordéis, se relacionavam com as prostitutas, compravam casas para manter suas amantes, caso de Glória,"o rosto moreno, queimado, de lábios carnudos e ávidos, de olhos entornados em

[7] Governo federal de Arthur Bernardes (1922-1926), que comandou o Brasil sob constante estado de sítio, e as antigas oligarquias políticas. Reivindicava também o voto secreto e denunciava as fraudes nas eleições. Em sua marcha pelo país, os integrantes da Coluna comandada pelo futuro líder comunista Luís Carlos Prestes (1898-1990) denunciavam a exploração das camadas mais pobres pelos líderes políticos. Seu principal objetivo era manter aceso o ideal revolucionário e conscientizar a população rural acerca do domínio exploratório exercido pelas elites.

[8] A obra trabalha com a questão da dupla moral masculina coronelista, que caminha em duas vias ao reprovarem as questões de igualdade de gênero que entram em debate na obra em várias ocasiões - mas também presente e atual em nossa sociedade -.limitando suas esposas e filhas ao ambiente doméstico, enquanto eles mantêm relacionamentos extraconjugais e frequentarem os cabarés, trazendo a ideia de que para o homem tudo era permitido mas para a mulher não.

permanente convite.” (AMADO, 2012, p. 84) a manceba do coronel Coriolano Ribeiro. Às esposas, cabia fazer os serviços domésticos e isso nos mostra como o funcionamento da família coronelista está fortemente ligada aos costumes patriarcais. Para Freyre (2004), o verdadeiro dono do Brasil, era o homem, o pai, o senhor de engenho, que tudo podia e em todos mandava.

O Brasil da década de 1920 é um país que passa por mudanças sociais e econômicas. Em termos culturais, essa década se caracterizou pela busca da nacionalidade. É nesse clima que, em fevereiro de 1922, ocorreu a Semana de Arte Moderna de São Paulo, evento citado por Jorge Amado no livro. O evento reuniu vários escritores e artistas nacionais da época.

Ainda no mesmo período foi comemorado o centenário da Independência. Marcado pela tentativa de modernização, foi promovida a Exposição Universal do Rio de Janeiro e o objetivo era mostrar uma nação moderna. Todavia, a realidade era bem diferente daquela que o governo tentava passar, e o Brasil era um país heterogêneo. Em termos econômicos, o avanço da industrialização, em especial durante a Primeira Guerra Mundial, e a exploração do proletariado levaram ao crescimento do movimento operário. Tem-se também nesse período uma ascensão da classe média, permanência e redefinições de valores morais burgueses, como veremos em seguida.

2.3 Estado, medicina e família patriarcal

O período de 1920 e 1930 foi marcado pela revisão de valores, conflitos de interesses e palco de várias insurreições e revoltas que objetivavam promover mudanças na política e na hierarquia de poder, assim como todo o século XX. É nesse contexto que a obra de Jorge Amado se desenrola, dentro de uma sociedade marcada por disputas políticas, discursos morais e mudanças sociais relacionadas às mulheres. É nesse contexto político e social que o romance *Gabriela, cravo e canela* está ambientado e é essa a ideologia a qual os indivíduos de Ilhéus da década de 1920 estavam submersos.

. Nós podemos perceber as permanências e continuidades que cercam essa cidade, principalmente em relação ao feminino. A ampliação dos espaços urbanos com a transição do sistema econômico agrário para o fabril, a disciplinarização e as novas representações dos corpos, que correspondiam às expectativas e interesses da classe dominante com novos padrões de moralidade para os comportamentos sexuais e sociais. A determinação de papéis e

espaços sociais ocupados por mulheres e homens são bem delimitados, através de justificativas biológicas propagadas pela medicina. Mas como coloca Itaboraí (2012, p.1)

> A história das transformações nos lugares das mulheres nas famílias e na sociedade brasileira é sim uma história de polidez, de higienismo, de labor e proteção social, de consumo e comunicação de massa, e de feminismo, mas ultrapassa cada um desses rótulos. Diferentes discursos, saberes e poderes institucionais se debruçam sobre as mulheres e suas famílias desde sempre, assim como diferentes formas de agência, individuais e coletivas, os contestam, estabelecem resistência ou reelaboram (…) Nesse sentido, propõe-se não perder de vista que a história das mulheres é sempre uma história diferenciada por classe e pontuada por tensões decorrentes desta e diversas outras formas de estratificação e distribuição de poder.

O final do Império e o início da República representaram para o Brasil o cenário de mudanças sociais e econômicas. Foi somente a partir de 1880 que se observou a formação de uma elite industrial, do operariado urbano e de setores médios com novas características. No início do século XX, convive com todo um processo de invenção e redefinição de tradições, pois o Brasil estava passando por transformações que mudaram a lógica das relações cotidianas dos espaços de convívio e intimidade. A sociedade tradicional pautada por códigos onde o domínio da família burguesa patriarcal não abria espaço para as individualidades "(...) as mudanças na família e a tendência de homogeneização de comportamentos são inseparáveis da modernização da sociedade, construindo-se lentamente no século XIX e mais intensamente no XX." (ITABORÍ, 2012, p. 2). Em Sobrados e Mucambos, Freyre apresenta o processo de transformação - talvez lenta desintegração – dessa ordem, motivada pelo desenvolvimento do estado brasileiro, com a vinda da corte portuguesa para o Brasil[9].

> Uma série de influências sociais – principalmente econômicas –, algumas anteriores à chegada do príncipe mas que só depois dela se definiram ou tomaram cor, começaram a alterar a estrutura da colônia no sentido do maior prestígio do poder real. Mas não só do poder real – que se avigorou, mesmo nas mãos moleironas de D. João; também das cidades e das indústrias ou atividades urbanas. Também estas se avigoraram e ganharam maior prestígio. (FREYRE, 2006, p.106)

A urbanização em curso também é apontada como uma peça central deste processo, caminha para o declínio da autoridade patriarcal com a transição do sistema econômico agrário e escravocrata para o fabril e a reestruturação das relações de trabalho, com o aumento significativo da imigração e com a migração da população do campo para a cidade, o que faz

[9] De acordo com Itaboraí, a "história da civilidade" começa com a vinda da corte, mas tem desdobramentos importantes na *Belle Époque* e na metropolização, que sucessivamente ampliam os espaços de circulação das mulheres, alterando as relações de gênero. A história do higienismo começa no século XIX, no Império, mas intensifica-se na *Belle Époque*. Já a história da proteção social ganha força nos anos 1930, com a afirmação de legislação e políticas públicas voltadas para a família (ITABORAÍ, 2012, p.1-2).

com que haja uma ampliação e complexificação dos espaços urbanos. Em meio a isso também podemos observar a construção e execução de novas estratégias de disciplinarização e de representação dos corpos[10], que correspondiam às expectativas e interesses dominantes, e apontavam para novos padrões de moralidade e para os comportamentos afetivos, sexuais e sociais da população brasileira, principalmente da mulher. Assim "Os médicos, que como novos sacerdotes sacralizavam o matrimônio como regulador de energias e como meio de evitar os perigos da vida moderna, restringiam o prazer sexual tanto masculino como feminino (MACHADO, 1925 *apud* MATOS 2003, p.116-117)". De acordo com Matos (2003, p.116-117), "as restrições eram mais acentuadas para a mulher, vista como um mero receptáculo da vivência erótica e sexual masculina.".

Apesar do declínio do poder patriarcal com o surgimento de novos valores culturais e urbanos junto às mudanças estruturais no país, que acontecem de forma heterogênea em um Brasil contraditório e multifacetado[11], esses valores duraram por muito tempo dentro da sociedade brasileira. Assim, o patriarca continua exercendo seu poder no núcleo familiar, nesse sistema em que a mulher passava do domínio de seus pais para as mãos de seu marido, e em que o poder do homem era indiscutível. Nesse sistema, o amor conjugal não era considerado algo necessário ou importante, e quando o assunto é o sexo, no matrimônio ele era tolerado para fins da procriação. Contudo, ao sexo masculino, os limites iam muito mais além. Os limites da moral ganham contornos maiores vigorando uma dupla moral para os maridos[12] que possibilitava que os mesmos exercessem sua sexualidade como bem entendessem, isso incluía relacionamentos extraconjugais com prostitutas ou mulheres que eles resolviam bancar. Ao homem tudo era permitido e, a iniciação sexual masculina era

---

10 O higienismo, como uma das bases da doutrina médica, criou todo um conjunto de prescrições que deveriam orientar e ordenar a vida nos seus mais variados aspectos: na cidade, no trabalho, no comércio de alimentos, no domicílio, na família, nos corpos. Costumes e hábitos cotidianos, os prazeres permitidos/proibidos e a sexualidade deveriam seguir o parâmetro médico-sanitarista (MATOS, 2003, p.109-110).

11 Os padrões de comportamento burgueses, a modernidade e o consumo foram absorvidos de forma desigual pelas diferentes regiões e cidades e pelas diferentes camadas da população (MALUF; MOTT, 1998, p. 400).

12 O padrão duplo de moralidade, característico do sistema patriarcal, concede também ao homem todas as oportunidades de iniciativa, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas, ao contato com os filhos, a parentela, as amas, as velhas, os escravos. E uma vez por outra, em um tipo de sociedade católica como a brasileira, ao contato com o confessor (FREYRE, 2006, p.208).

incentivada pelos pais[13]através de mulheres escravas, empregadas domésticas e idas à *cabares*, uma vida de luxúria e liberdade vista como prova de masculinidade. Já

> A sexualidade feminina era condicionada ao instinto maternal, como o equivalente feminino ao instinto sexual do homem. Representava-se a mulher grávida como símbolo da maternidade, e simultaneamente da virilidade do marido, apregoava-se a virgindade como elemento da pureza de sangue, perpetuação do nome e da propriedade familiar, garantia da saúde da prole e de manter distante o perigo venéreo. Surgem mais duas representações estereotipadas da natureza da mulher: a passiva e sexualmente inocente e a mulher perigosa sexualmente, identificada com a prostituta (MACHADO, 1925 *apud* MATOS, 2003, p.117).

A vida sexual feminina era reprimida e até mesmo castigada[14]. A história da sexualidade brasileira nos mostra que a mulher deveria manter-se recatada e pura. A virgindade feminina nas camadas sociais mais altas era "levada a sério", enquanto nas camadas populares era, muitas vezes, violada. Bruno Hatschebach e Aparecida Favoreto (2017, p. 363), no artigo *Notas preliminares acerca do feminino em Jorge Amado: da subserviência às transgressões em Gabriela, cravo e canela,* fazem a seguinte descrição sobre a condição da mulher dentro da sociedade patriarcal,

> [...] a mulher valorizada na moral familiar, era a recatada, ou seja, a que não se deixava levar pelos desejos sexuais. Neste sentido, a repressão sexual feminina era traduzida na forma de biologização da sexualidade. Sendo naturalizado na esposa a maternidade, a assomando a monogamia afetiva e sexual e a submissão ao "chefe" da casa.

O início do século XX foi marcado como um período em que o lugar da mulher é o seu lar, "a imagem da mãe-esposa-dona-de-casa como a principal e mais importante função

---

[13] As casas de prostituição eram um trunfo que o homem dessa sociedade patriarcal exibia. Vale destacar que, dentro de uma sociedade como essa, os discursos machistas também recaiam sobre os homens, assim qualquer indício de feminilidade deveria ser eliminada através de uma iniciação sexual. Em relação à medicina Maria Izilda diz que "Os discursos médicos explicitavam aspectos de normatização de um imaginário social urbano em transformação, com a construção de um perfil ideal feminino que refletia o perfil masculino. Assim, o discurso médico ordenou e classificou o real através de categorias que se transformaram em universais e em exemplo de objetividade e racionalidade, impondo uma ordem dualista com rígidas classificações que desembocavam no binômio permitido/proibido, na desqualificação de uns e na supremacia de outros. Assume-se que o homem é o indivíduo forte e que com sua agressividade e inteligência impôs o desenvolvimento da civilização urbana, ao passo que a mulher, por sua natureza passiva e fecunda, deve perpetuar essa civilização através da maternidade. Destacando as potencialidades masculinas, o discurso médico legitimava o domínio do homem sobre a mulher. Na construção de um perfil ideal de masculinidade, o discurso médico engajou-se na luta contra o alcoolismo e as doenças venéreas, que poderiam distanciar o homem do trabalho e de sua função de provedor, marido fiel, atencioso com os filhos e trabalhador (GUIMARÃES FILHO, 1926, *apud* MATOS, 2003, p.121).

[14] Na relação de dominação entre os gêneros, a rapariga, quando transgrede a ordem de seu protetor, é imediatamente castigada, sem haver nenhum estranhamento por parte da população. (HATSCHEBACH; FAVORETO, 2017, p. 363).

que correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa" (MALUF; MOTT, 1998, p. 374). Mas também por outros dois discursos, um deles tendo como alvo os corpos masculinos nos discursos médicos. De acordo com Machado o discurso médico se altera e o foco da ação normalizadora se desloca das mulheres para os homens, em uma tentativa de "que romperia a cadeia de todos os males e sanearia a humanidade, acabando com as doenças venéreas, a prostituição e todos os vícios correlatos: alcoolismo, o onanismo, a tuberculose e a criminalidade" (MACHADO, 1925 *apud* MATOS, 2003, p. 119). Como observa Carmo

> O aumento da concentração populacional a partir do século XIX contribuiu para a disseminação de doenças venéreas. Entre as mais temidas, a sífilis. A medicina social atuava como instrumento para a medicalização da sociedade. E, decerto, visava-se orientar para a prática do "sexo sadio", que gerasse filhos saudáveis." [15]

Assim, "[...], destacava-se a necessidade de impor uma profilaxia antimicrobiana aos lares. Caberia às mulheres o cuidado com a saúde e bem-estar da família, de modo que se ampliaram suas responsabilidades como dona de casa [...]" (MATOS, 2003, p. 109). O outro discurso se baseia na teoria da complementaridade entre os sexos e é um discurso sobre as diferenças biológicas e sociais entre homens e mulheres, esses seriam complementares. No entanto,

> [...] ao contrário de ser emancipadora para as mulheres, reforçava nas falas médicas a divisão sexual de áreas de atuação, do trabalho e do espaço. Aos homens caberia enfrentar a competitividade do mundo público, enquanto as mulheres deveriam continuar voltadas para o privado, tendo na maternidade o ponto definidor da feminilidade. Dessa forma, apesar da defesa de um novo protótipo de feminilidade baseado na figura da mulher moderna e esclarecida, manter-se-ia o pressuposto da maternidade como base da feminilidade (MATOS, 2003, p.122-123).

Apesar de uma crescente no que se refere a participação feminina no mercado de trabalho no final do século XIX, com o fim da escravidão e outras mudanças econômica e sociais, tudo isso se inverte no pós Primeira Guerra[16]. Além da crescente preocupação moral por parte religiosos, juízes e higienistas, para a sociedade, a mulher deveria dedicar-se

---

[15] Disponível em <https://pt.scribd.com/document/482264935/Paulo-Sergio-Do-Carmo-Prazeres-e-Pecados-Do-Sexo-Na-Historia-Do-Brasil-Edicoes-Sesc-Sao-Paulo-2019>Acesso em 29 de jan. de 2021.

[16] No pós-guerra, o pensamento eugênico emergente também desempenhou uma influência marcante no delineamento do papel da família e dos perfis de gênero. Procurando difundir as idéias de melhoria da qualidade da raça, o discurso eugenista apoiou inicialmente a maternologia, reforçando que a função social e cívica da mulher era garantir a sobrevivência das futuras gerações, o aperfeiçoamento e o fortalecimento da raça. Contudo, o pensamento eugênico gradativamente se expandiu e se institucionalizou, ampliando sua ação política e doutrinária. (MATOS, 2003, p.123).

exclusivamente às tarefas do lar e à maternidade, de acordo com os valores da chamada família conjugal moderna, hábitos burgueses[17]. Em uma sociedade de ideologia patriarcal, machista, a mulher vai sendo construída como fruto ou resultado de uma ideologia determinada por instituições controladas e gerenciadas principalmente por homens como a Igreja, a medicina[18] e o Estado. Pode-se citar como exemplo o Código Civil de 1916[19], que subordinava a mulher ao homem de forma legalizada. "Considerando família e casamento, o texto aprovado definiu as esposas como pessoas jurídicas relativamente incapazes e o marido como cabeça da família." (MARQUES & MELLO, 2008, p. 469). Sendo assim,

> Esse código resultou de muitas tentativas de fornecer ao país um conjunto coerente de leis civis para substituir a vetusta legislação portuguesa ainda em vigor. Em troca da proteção do casamento, os elaboradores do Código estabeleceram o homem como chefe da família. Cabia a ele determinar o lugar de residência da esposa e filhos, administrar o patrimônio do casal e, acima de tudo, autorizar sua mulher a exercer uma atividade profissional fora do lar. Por conta disso, a legislação concedeu ao homem amplos poderes para limitar as oportunidades abertas à mulher para alcançar autonomia pessoal, mesmo se sua motivação para buscá-la estivesse na tentativa de escapar de uma união conjugal infeliz (MARQUES; MELLO, 2008, p. 468-69

Quando Marques e Melo (2008) examinam as restrições legais impostas às mulheres casadas que eram vigentes no Brasil na maior parte do século XX, elas associam as transformações culturais ligadas às modificações no modelo de família às mudanças econômicas. Utilizam como metodologia o exame dos debates parlamentares sobre direitos de mulheres casadas e o poder que os maridos detinham enquanto tutores de suas esposas. Elas afirmam que uma das razões para investigar a lei de 1962 são as restrições, que segundo elas, não eram apenas simbólicas:

> Há boas razões para investigar o longo caminho político que resultou na lei de 1962, denominada Estatuto Jurídico da Mulher Casada. Primeiro, as restrições impostas às mulheres não eram meramente simbólicas, uma vez que limitavam o fortalecimento político de escolarizadas mulheres de classe média e impediam trabalhadoras de efetivar seus direitos trabalhistas e sociais. Esses direitos foram concebidos para serem universais, mas eram, de fato, limitados, uma vez que as mulheres casadas não podiam se beneficiar plenamente deles. A segunda razão que justifica a escolha

---

[17] Devemos considerar que essas transformações não acontecem de forma homogênea, muito pelo contrário. Em uma sociedade profundamente diversa e desigual, essas mudanças aconteciam de formas deferentes nos tecidos sociais brasileiros.

[18] A história da constituição do saber médico no Brasil remonta à segunda metade do século XVIII.

[19] O Código Civil de 1916 sofreu inúmeras alterações, sendo que a primeira delas se deu em 1919. Em decorrência do lugar ocupado pela mulher no mercado de trabalho e da efetividade dos ideais de igualdade, em 1962 retirou-se a mulher do artigo que classificava os relativamente incapazes e, em 1977, a Lei nº 6.515 incluiu o inciso IV no art. 267, para permitir o divórcio como uma das modalidades da dissolução conjugal . Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930).N.p.,Editora FGV. Dispovivel em <https://cutt.ly/WbGSnJR>

> do objeto diz respeito ao conhecimento histórico propriamente dito. (MARQUES; MELLO, 2008, p. 464)

Com relação às mulheres "de família", especialmente, em relação à educação diferenciada para os sexos, a Igreja aliou-se às oligarquias, permanecendo como uma das principais instrutoras das mulheres da elite. O ensino ministrado buscava preservar a moral[20] das mulheres e prepará-las para os afazeres domésticos, preservando-as de desvios que pudessem "manchar" sua imagem. Havia a preocupação do Estado com a necessidade de educação da mulher, relacionado à modernização da sociedade naquele momento. Contudo, essa necessidade gerava um temor por parte da Oligarquia, do Estado e da Igreja, pois esse processo[21] poderia significar avanços em relação aos direitos civis e o lugar que a mulher poderia ocupar. "Enquanto a sociedade se modificava lentamente, surgiram grupos de mulheres originadas na classe média com o propósito de lutar por direitos" (MARQUES; MELLO, 2008, p. 468). As primeiras manifestações críticas do movimento feminista no Brasil em defesa dos direitos civis das mulheres em relação à educação e o voto são ainda no século XIX. Portanto, de início essa educação não é nem de longe relacionada ao conhecimento ou uma preocupação com a instrução profissional, mas sim uma educação para o cuidado dos filhos e do lar, baseada em aprendizado para os afazeres domésticos. Quando Maria Izilda (2003), fala sobre As representações do feminino e do masculino no discurso médico de descrições normativas[22], reafirmações e definições de funções, papéis e sexualidade de homens e mulheres em São Paulo entre os anos 1890-1930 relacionado à urbanização nesse período, ela observa que

---

[20] É numa atmosfera repressiva em termos de sexualidade que os prostíbulos proliferaram no século XX. Os valores morais eram rígidos e a castidade feminina era guardada pelas famílias como preciosidade. Em muitas capitais e cidades do interior, os cinemas criaram a "sessão das moças", ou seja, um dia na semana em que elas pudessem frequentar um "ambiente sadio", sem as investidas dos rapazes. Muitos salões de beleza reservavam a segunda-feira para tratar do cabelo das prostitutas, evitando assim o contato delas com as "moças da sociedade".

[21] Nesta forma de educação feminina, a literatura, o pensamento crítico, a política e o debate público eram vedados moralmente. A interdição era considerada necessária para conservar os valores, evitando os possíveis "descaminhos". Neste aspecto, a narrativa de Amado, por intermédio do coronel Ramiro Bastos expressa que a moça solteira deve dedicar seu tempo livre ao desenvolvimento do trato privado, para agrado do futuro marido. (HATSCHEBACH; FAVORETO, 2017, p. 364)

[22] A expansão da teoria de Pasteur e a ideia de contágio transformaram a visão que se tinha da doença, dos corpos e da higiene: era preciso mudar hábitos e atitudes, de tal modo que o papel do médico tornou-se decisivo na configuração das pautas culturais e normativas. Assim, o cientificismo imperante nesse período permitiu aos médicos expandir o controle sobre a vida de homens e mulheres, normatizando os corpos e os procedimentos, disciplinando a sociedade, ordenando a sexualidade e os prazeres. Nesse sentido, o discurso médico apresentava a sociedade como um organismo caótico que necessitava ser regrado, estabelecendo uma oposição entre uma desordem real e uma ordem ideal, sendo a interferência do médico considerada indispensável. (MATOS, 2003, p.109)

> A educação feminina tornava-se um ponto-chave para a medicina, pois através dela pretendia-se o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, da mãe e das futuras gerações do país. A "nova mulher", submetida à tutela médica, além de se constituir num agente familiar da higiene social, tornava-se o baluarte da moral da sociedade. Dessa forma, as normas médicas deveriam ser transmitidas pelas mães às filhas a partir da adolescência e da puberdade, período do início da vida fértil da mulher, e que portanto deveria merecer especial atenção (MATOS, 2003, p.110).

Dito isso, passaremos agora para uma análise da obra *Gabriela cravo e canela*, apresentando como personagens secundárias representam a "anti-norma" da moral burguesa. Também será analisada a personagem Gabriela, mulata que tem suas características sexuais exaltadas e onde o erotismo e a culinária formam um par indissociável: "Múltiplos odores e cores sugerem o ambiente que cerca a heroína sedutora e perfumada. Complementados pela imagem sonora explodiam fantásticas orquídeas" (BELLINE, 2008, p.17). Com relação as metáforas utilizadas por Amado em suas obras para descrever a mulata, Mariza Corrêa diz que,

> Seria preciso o talento de Lévi-Strauss para fazer o inventário da rica coleção de ervas e especiarias utilizadas nas metáforas dos cheiros, gostos e cores evocados nas frases nas quais a mulata é sujeito: manjericão, cravo e baunilha nas de Aluísio Azevedo (O cortiço, 1890); cravo, canela e alecrim nas de Jorge Amado (Gabriela, cravo e canela, 1958;Tenda dos milagres, 1969); mandioca doce nas de João Felício dos Santos (João Abade, 1958). [...]Além de cheirosa e gostosa a mulata é muitas outras coisas nesses e em outros textos: é bonita e graciosa, dengosa e sensual; em suma, desejável. (CORRÊA,1996, p.39)

3. CHEIROS, CORES E SABORES: A MULATA GABRIELA

Sob a ótica de Mariza Corrêa, Emanuel Mariano Tadei e Gilbeto Freyre será abordado nesse capítulo a mulata Gabriela. Os conceitos de raça e mestiçagem são acionados com o objetivo de investigar a figura da mulata na obra a partir da personagem Gabriela. Além disso, este capítulo também tem como objetivo entender o que torna essa personagem diferente das demais, como um sujeito que rompe com as normas vigentes. Para isso utilizaremos o conceito de carnaval e do grotesco, presentes na teoria bahkitiniana. tendo como suporte Mikhail Bakhtin e Sayonara Amaral de Oliveira.

No Brasil do período coronelista, as mulheres falavam do lugar de filha, de esposa e de mãe. Elas se sujeitavam à ideologia e aos discursos préestabelecidos, inclusive os reproduzindo e, até mesmo os preservando, dentro dessa lógica a qual estavam acostumadas. A ideologia patriarcalista manifesta-se no cotidiano feminino, através dos discursos e normas que os seus corpos devem seguir, e são reguladas por rituais definidos pelos da igreja e do Estado. Em relação às famílias e às mulheres, eram orientadas pela ideologia patriarcal, e o destino delas era o casamento, que também era centrado nesse mesmo poder. As mulheres eram destinadas a casar e tinham sua sexualidade velada pelos homens, sobretudo, seus pais, seus maridos, seus irmãos, mas também por outras mulheres. Ao questionar sobre a construção da personagem Gabriela, pois ela vai contra tudo aquilo que a sociedade instituiu como sendo padrão, sobre o que é ser mulher e o seu lugar na sociedade, nos perguntamos o que faz de Gabriela uma personagem diferente das outras? Seu comportamento? Sua maneira de pensar? Sua beleza? Provavelmente o conjunto de todas essas características e outras mais. Com relação a construção, “Sobre o personagem central da narrativa, a mulata Gabriela, o autor confessou em entrevista de 1990: ‘Queria criar uma mulher que fosse símbolo da mulher brasileira” (BELLINE, 2008, p.31). As características físicas de Gabriela são sempre exaltadas, assim como seus temperos, sua comida saborosa, sua arte de cozinhar. Gabriela que “parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela” (AMADO, 2012, p. 362). Assim, “A partir das primeiras décadas do século XX, o mulato e a mulata serão plenamente idealizados em todos os setores de nossa vida cultural” (TADEI, 2002, p.7), trata-se de uma inversão da mestiçagem de algo negativo, da depreciação do sujeito, para algo tido como positivo, benéfico. Mariza Corrêa faz uma análise dos discursos sobre gênero e raça, e sobre a construção da mulata. Ela diz que “da construção do sujeito enquanto objeto de discursos médicos, literários e carnavalescos [...] a mulata, assim construída como um objeto de desejo, tornou-se um símbolo nacional (CORRÊA, 1996, p.40)”.

3.1 Miscigenação e a construção da mulata

A miscigenação irá compor o cenário brasileiro e as relações de gênero e classe vão ao longo do tempo moldando a mentalidade das pessoas. O uso de termos como a ideia de raça ganha amplitude nos debates e teorias raciais com relação à humanidade e as origens dos povos não europeus. Se antes a palavra era utilizada na biologia para distinguir as espécies botânicas, posteriormente ela passa a representar um "desoladora" distinção entre as diferentes etnias. É na França, nos séculos XVI-XVII, que raça adquire um sentido e uma utilização em relação a classes sociais, passando a diferenciar a nobreza dos plebeus franceses. Já, a partir do século XVIII, de acordo com Kabengele Munanga, o uso da palavra se amplia, incorporando outros significados, passando a classificar as diferenças entre as pessoas, sendo a cor da pele o principal critério para diferenciar as raças. Assim percebemos que a palavra vai se aproximando do significado amplamente conhecido nos nossos dias. Desta forma, "No século XIX, acrescentou-se ao critério da cor outros critérios morfológicos, como a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do formato do crânio, o ângulo facial, etc. para aperfeiçoar a classificação." (KABENGELE MUNANGA, 2003, p. 4)

Gilberto Freyre em *Casa grande & Senzala,* faz uma leitura minuciosa, e traz uma interpretação sobre a formação da sociedade brasileira, sobre as relações raciais e celebra a mestiçagem. Freyre vai se dedicar a fazer descrições de hábitos e papéis sociais desempenhados pelas diferentes camadas da população. Ele trata em seu livro dos aspectos relacionados a colonização portuguesa, a miscigenação entre os três povos, procurando justificar o caráter do brasileiro e desmistificar a questão da sexualidade que era atribuída principalmente aos indígenas. Diferente da tese que se tinha até o momento, ele traz o conceito de cultura, mas ainda está preso à ideia de raça. Freyre exalta a importância da miscigenação na formação da nossa sociedade, "para Freyre, foi um encontro fraterno, solidário, generoso, democrático, viabilizado pela miscigenação." (REIS, 2006, p.66) como se a mistura dessas *raças* fosse, na maior parte das vezes, "cordial" e consentida.

Tadei trata da questão em perspectiva foucaultiana e, para ele, devemos encarar a mestiçagem como um dispositivo de poder, diferente de algo natural. Assim, de acordo com esse autor, Freyre naturaliza mestiçagem, que "[...] em vez de discutir e problematizar um pouco mais o conceito de mestiçagem, toma-a como um dado consumado e inquestionável, decorrente de uma pré-disposição dos colonizadores portugueses." (TADEI, 2002, p.3). Ele diz que,

> Na condição de dispositivo de poder, o dispositivo de mestiçagem envolve um conjunto heterogêneo de elementos: discursos, ações, leis e programas de

> instituições. De forma mais específica, ele pode ser entendido como um conjunto de saberes e de estratégias de poder que atua sobre nossa identidade nacional, tendo por objetivo integrar e tornar dóceis as etnias que estão na raiz de nossa nacionalidade (no caso os indígenas do continente e os negros africanos). É o dispositivo de mestiçagem que dirige e comanda as ações e saberes numa determinada direção, com a intenção de atingir seu objetivo final: criar uma consistência entre todos esses elementos díspares, gerando subjetividades dóceis, mal delimitadas e manipuláveis (TADEI, 2002, p.3)

Desta forma, precisaríamos encarar a miscigenação de forma não naturalizada, para compreender a questão racial no Brasil, tendo em vista que a construção da identidade nacional se fez a partir de um branqueamento. Além disso, a mestiçagem enquanto um dispositivo de poder "[…] acabou por instaurar uma certa racionalidade em nosso país, à medida que passou a funcionar como uma estrutura elementar presente em tudo o que tem sido produzido sobre nosso país e nossa identidade nacional em termos discursivos." (TADEI, 2002, p.3).

Existiam várias teorias por trás da ideia da mestiçagem no Brasil, todas ligadas ao mulato/a como sendo superior, mais apto[23]. Temos assim, uma internalização da ideologia do branqueamento por meio da mestiçagem que assumiu diversas teorias e contornos ao longo dos séculos e contribuiu de forma negativa com a manutenção dos padrões racistas e de beleza, por meio da ideia de superioridade das raças e padrões estéticos preestabelecidos. Com isso temos não só a ideia do branqueamento do mulato, mas também o estereótipo presente até hoje em relação à mulata, sendo ela, sinônimo de sensualidade, exotismo e disponibilidade. A literatura está repleta de exemplos,

> O mulato, do mesmo Aluísio Azevedo, os mulatos de Sobrados e Mocambos e os de Jorge Amado são agentes sociais, carregam o peso da ascensão social, ou do desafio à ordem social, nas suas costas espadaúdas; com sua cintura fina(...) as mulatas, no máximo, provocam descenso social, e, no mínimo, desordem na ordem constituída do cotidiano: na literatura, Vidinha (Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida) e Rita Baiana (O cortiço, de Aluísio Azevedo) encarnam essa proposta. (CORRÊA, 1996, p.40-41)

[23] A ideia de mestiçagem que é defendida pela Igreja por volta do século XVIII está subordinada a um plano de moralização. Esse enunciado sobre a mestiçagem assume um patamar diferente daqueles discutidos anteriormente: aqui ela serviria para purgar moralmente as raças consideradas atrasadas e pagãs. O mestiço estaria num estágio moral intermediário entre o bem e o mal, entre o pecado e a virtude. Assim, a Igreja obteria um gradiente que vai do mal ao bem, com estágios intermediários. Porém, mesmo sendo diferentes, esses enunciados guardam alguns pontos comuns entre si: o destaque dado ao mestiço. Através deles, notamos como o mestiço foi se tornando um objeto de preocupação e de conhecimento, através da visibilidade que passou a ter, seja como mais adaptado às condições de vida nos trópicos, seja como mão-de-obra passível de ser mais qualificada, ou como estágio intermediário entre o bem e o mal. Esses três enunciados nos remetem a três problemas distintos: as duras condições de vida nos trópicos, a questão do potencial humano (para aprender e trabalhar) e o problema moral. (TADEI, 2002, p.4)

Esses personagens são mulatas exaltadas por suas características, de mundo polarizado entre estereótipos de mulheres existentes no Brasil. Tanto Vidinha quanto Rita Baiana trazem rótulos, estão entre dois "tipos" de mulheres: uma para casar e ter filhos e a outra para o prazer e o erotismo. As duas mulatas seriam o segundo "tipo".

É desta forma que Nacib enxerga Gabriela, assim como os outros homens da cidade. A própria personagem olha para si própria com esses estereótipos. Gabriela em nenhum momento se vê como vítima de sua trajetória de vida, mas ela entende e interpreta o mundo e sabe que as suas condições e forma de viver não são aceitas pela sociedade. Em sua visão, sendo ela uma moça sem família e "sem *cabaço"* não é mulher para casar, principalmente com um homem de classe social e de família como é Nacib.

3.2. Gabriela, cheiro de cravo e cor de canela

O que diferencia Gabriela das demais personagens? A alegria, o riso em seu rosto? Mesmo enfrentando tantas adversidades, uma vida difícil no interior do Nordeste, órfã de pai e de mãe e tendo seu tio se deitando com ela quando menina, nem mesmo sabe sua idade, pois não possui nem um documento, o que de acordo com oliveira confere a ela um "[...] sentido libertário que envolve e conduz o seu corpo por toda a narrativa" (OLIVEIRA, 2011, p. 28).

Os estereótipos reproduzidos acerca do corpo de Gabriela e de outras personagens são uma realidade na obra e perpetuam visões sobre a mulher brasileira, sobre a mulata. A popularização de Gabriela e sua sensualidade são alvo de críticas. Jorge Amado teria contribuído, de certa forma, para reforçar os estereótipos sobre a mulher brasileira, seu corpo e sexualidade sendo alvo das mais diversas representações, frutos do etnocentrismo que já vinham, na verdade, desde o início da colonização. "(...) A mídia consagra o glamour da sensualidade de Gabriela, como se repete, aliás, com outros corpos femininos expostos na literatura amadiana, os quais já renderam inclusive comentários ruidosos da crítica, no tocante aos estereótipos de gênero possivelmente veiculados e-ou reforçados pelo escritor."(OLIVEIRA, 2011, p. 26).

Buscamos entender como essa personagem com suas atitudes declara liberdade com relação às estruturas culturais oficiais, a partir de seu riso, seu corpo, pela liberdade sexual, sua individualidade. Assim,

> Enquanto Sinhazinha morria pelas mãos do marido enciumado, Malvina quebrava o gelo e aceitava namorar Josué e Glória repousava seus suntuosos seios na janela, em algum lugar do sertão, em meio a seca e à desgraça, caminhava Gabriela. Andava

> quase saltitante, parecia uma demente, com os cabelos desmazelados, soltos, envolta em sujeira, os pés feridos. Tinha um rosto fino, as pernas altas e o busto levantado. Junto a ela, um grupo de retirantes; entre eles, seu tio, negro Fagundes e o mulato Clemente. (BRUGGE, 2015, p.114)

Gabriela é uma retirante que chega a Ilhéus no mesmo dia da morte de Sinhazinha. Nacib, um árabe – que se considera brasileiro – ficou sem cozinheira naquele mesmo dia e, em busca de uma, vai até o "mercado de escravos", onde encontra Gabriela, suja em trapos. Assim, nas condições em que se encontrava, não era perceptível nem um traço de sua beleza ou algo parecido. Os companheiros de viagem de Gabriela vão para um lado, ela para outro:

> Chegados a Ilhéus, no mercado de escravos, Clemente e negro Fagundes foram-se com coronel Melk para a fazenda. Gabriela, vestida em trapos miseráveis, coberta de tanta sujeira que tornava impossível ver-lhe as feições e dar-lhe a idade, os cabelos desgrenhados, imundos de pó, os pés descalços, trazia uma cuia de água a uma velha que entre os retirantes estava. Fora essa a primeira imagem que Nacib, a buscar desesperado por uma cozinheira, tivera dela. (BRUGGE, 2015, p.117)

Clemente, moço com quem Gabriele se deitava a noite durante a viagem, queria casar-se com ela. Porém, Gabriela tinha outros planos, um casamento não passou por sua cabeça, ainda que fosse a racionalidade da época, não fazia nem um sentido para ela, "O que se passava com Gabriela é que ela vivia uma lógica própria, completamente distinta ao senso comum comungado pelas mulheres da época ou pelo menos à representação que se tinha (e se tem) das mulheres da época." (BRUGGE, 2015, p.116). Que lógica era essa, que fazia de Gabriela uma moça diferente das outras mulheres de seu tempo? Quando Clemente fala sobre seus planos em viverem juntos, Gabriela logo o adverte "– Vou pro mato não, Clemente." (AMADO, 2012, p. 79). A surpresa de Clemente é tanta que ele "Nem sabia como responder-lhe, esquecia os argumentos, também os insultos, a vontade de bater-lhe para ela aprender que com um homem não se brinca. Só conseguia dizer: – Tu não gosta de mim…" (AMADO, 2012, p. 79). Na mentalidade de Clemente, homem de seu tempo, vivendo em uma cultura patriarcal, onde o ato sexual livre é algo do universo masculino, pensava que ela estaria presa a ele, pois

> Desde aquela noite milagrosa, Clemente vivia no terror de perdê-la. Pensara a princípio que, tendo acontecido, ela já não o largaria, iria correr sua sorte nas matas dessa terra do cacau. Mas logo se desiludiu. Durante a caminhada ela se comportava como se nada houvesse entre eles, tratava-o da mesma maneira que aos demais. Era de natural risonha e brincalhona, trocava graças até com o negro Fagundes, distribuía sorrisos e obtinha de todos o que quisesse. Mas quando a noite chegava, após ter cuidado do tio, vinha para o canto distante, onde ele ia meter-se, e deitava-se a seu lado, como se para outra coisa não houvesse vivido o dia inteiro. Se entregava toda, abandonada nas mãos dele, morrendo em suspiros, gemendo e rindo. (AMADO, 2012, p. 78)

Mas na cabeça de Gabriela aquela foi apenas uma distração para aproveitar o momento, encurtar a viagem, e como resposta diz a Clemente "– Foi bom a gente ter se encontrado, a viagem encurtou." (AMADO, 2012, p. 79). Conforme Brugge, (2015, p.115) "Pode-se dizer até que, nesse sentido, ela agia como homem". O ato sexual com Clemente nada mudou seus planos e seus sentimentos, o que a torna incompreensível para Clemente e outros homens de Ilhéus. Como coloca Brugge,

> Segundo a moral da época e como se pode perceber em vários pontos da narrativa, em virtude das bases cristãs e patriarcalistas que galgavam a cultura daquela gente, era comum pensar o sexo como algo livre ao universo masculino, mas extremamente restrito em relação às mulheres. Aos homens era lícito passar por experiências sexuais antes do casamento – o tabu da virgindade nunca foi algo imposto ao homem –, dentro do casamento e fora dele – com prostitutas ou mancebas de casa posta, como era o caso de Glória. […] Por sua vez, a mulher deveria manter-se resguardada sob a segurança do lar e a proteção dos pais e familiares até o (tão aguardado) casamento. (BRUGGE, 2015, p.114)

É verdade que essa era a moral – e continua apesar das mudanças ocorridas nos últimos cem anos. No entanto, esses valores podiam entrar em confronto com a liberdade e o desejo individual, pois haviam mulheres que rompiam com os discursos vigentes e desejavam liberdade e mudanças. Cada qual a sua maneira, e com motivações diferentes, não se submetiam às normas de sua época e ao "destino" que lhes era pré-estabelecido, ou seja, ao padrão moral de sua época, à hierarquia patriarcal. Para Gabriela, o sexo em nada representava um enlace, um compromisso.

Quando a mulher inverte a norma vigente, ela passa a receber várias denominações – menos a de mulher independente, madura, dona de si – nesse caso ela é comparada ao homem por suas atitudes livres em relação ao seu corpo e a forma como lida com seus sentimentos. Uma personagem secundária – aparece apenas uma vez – esposa do Mister "inglês idoso, magro e calado, habitando Ilhéus desde 1910" (AMADO, 2012, p. 172), é caracterizada como um homem por seus modos livres, considerados masculinos: "A esposa, uma gringa alta e loiríssima, de modos livres *e tanto masculinos*, não suportava Ilhéus, vivia na Bahia há vários anos […]". Isso a qualificava como uma "[...] Mulher sem compostura, dela diziam horrores: bebia tanto ou mais que um homem, ia à praia seminua, adorava adolescentes quase meninos, corria até que gostava de mulheres" (AMADO, 2012, p. 172-173). De acordo com Brugge:

> Vivemos uma constante tentativa de criar imagens de pensamento capazes de dar conta das características essenciais dos elementos da realidade. O problema de tais imagens de pensamento é que elas criam a ilusão de uma essência, da existência de um modelo perfeito, desconsiderando completamente as diferenças, as singularidades, as subjetividades. (BRUGGE, 2015, p.116)

O comportamento de Gabriela é bem diferente do assumido por outras personagens, uma vez que é nada discreta, sempre alegre, a dançar e a rir. A ideia de uma provável "falta de consciência" de Gabriela em relação às normas sociais consolidadas pode ser vista apenas como uma construção do autor para demonstrar que a personagem era doce e amável, não se importa com coisas materiais e com as normas, portanto não teria uma certa consciência do que fazia e escolhia fazer. "Para muitos, a mulher não passava de um grande coração." (DEL PRIORY, 2014, p. 63)."Há que se notar, porém, que Gabriela não era de um todo alheia à lógica social. É errado pensar que ela simplesmente ignorava as regras, que não sabia o modo normativo de se portar e ser" (BRUGGE, 2015, p.125). É possível notar a partir de um de seus diálogos com dona Arminda, no qual ela diz "Seu Nacib era para casar com moça distinta, toda nos trinques, calçando sapato, meia de seda, usando perfume. Moça donzela, sem vício de homem" (AMADO, 2012, p. 165). Esse também é o pensamento inicial de Nacib, que mesmo apaixonado não vê a possibilidade de casar-se com a sua cozinheira. No entanto, vamos ver que, o ciúme e o medo de perder Gabriela, fazem o árabe mudar de opinião. Como analisam Hatschebach e Favoreto (2017, p.367-368)

> No romance de Amado observamos diversas formas de sofrimento feminino, as quais são punidas diante das transgressões morais. Por outro lado, a figura de Gabriela se destaca, ao se apresentar afeta à vida, desapegada aos valores morais e ao dinheiro. Gabriela não foi educada nos valores das famílias provincianas, desta forma, não se prende aos valores da família mononuclear, tanto que Nacib refletindo sobre a possibilidade de casar-se, questionase "[…] como casar com Gabriela, cozinheira, mulata, sem família, sem cabaço, encontrada no 'mercado dos escravos'? Casamento era com senhorita prendada, de família conhecida, de enxoval preparado, de boa educação, de recatada virgindade.

Gabriela era tão racional quanto qualquer outro personagem, homem ou mulher dentro do enredo, mas suas atitudes eram questionadas, nos fazendo refletir se realmente ela era sã, no entanto, fica claro que sim. Ela tem consciência de suas decisões e das imposições sociais, as quais é obrigada a aceitar. Fica evidente sua ciência sobre as normas e valores a partir da análise que a personagem faz sobre o seu lugar e o lugar que Nacib ocupa na sociedade. Como analisa Brugge "Senão, vejamos, ela compreendia que Nacib, uma vez que homem, branco, de boa posição social e detentor de certas posses, para a lógica daquela sociedade, deveria sim se casar, mas com uma moça como Malvina, por exemplo [...]" (BRUGGE, 2015, p.125) . Portanto, isso queria dizer "[...] uma moça direita, de família e representação, o que, em absoluto, (não) era seu caso: 'cozinheira, mulata, sem família, sem cabaço, encontrada no 'mercado de escravos'" (AMADO, 2012, p. 180).

Seus sentimentos por Nacib são evidentes, porém diferente da lógica patriarcal, para ela bastava estarem juntos, não era necessário oficializar a união, no entanto ela aceita casar-se com ele. É importante notar que, de acordo com o discurso narrativo empregado, não eram comuns uniões oficializadas entre moças como Gabriela e homens como Nacib, principalmente em cidades como Ilhéus, uma realidade social naturalizada naquela época. Há uma conversa de Nacib com João Fulgêncio, em que este compara Gabriela com uma flor que no campo e no jardim a permanece bonita e perfumada, mas quando colocada em vaso morre. Essa comparação proposta por João Fulgêncio, onde Gabriela é a flor que inserida dentro de uma cultura e valores totalmente diferente dos seus perderia seu brilho, sua alegria de viver e assim como a flor tirada do seu meio natural, de onde se reconhece como o que é, já não seria mais a Gabriela, mas uma outra pessoa. Esse diálogo antecipa o que ela vive mais a frente, dentro do seu relacionamento com Nacib, acompanhamos a tristeza os questionamentos que ela faz a ele e a si sobre querer ser apenas Gabriela. Entretanto Nacib não compreendeu a comparação. Em seguida João Fulgêncio o parabeniza pelo casamento e o gesto nobre do comerciante dizendo "[…] É um gesto de grande nobreza, esse seu. De homem civilizado." (AMADO, 2012, p. 210). Os discursos machistas construídos pela norma, assim como questões de classe presentes na sociedade tornam-se mais evidentes no momento da oficialização do casamento entre os dois personagens: "Foi o casamento mais animado de Ilhéus. O juiz […] pronunciou umas palavras para desejar felicidades àquele novo casal, que um amor verdadeiro unira acima das convenções sociais, das diferenças de posição e classe" (AMADO, 2012, p. 210). Essa construção narrativa está presente não só na fala do juiz mas também na visão da população em geral, que vê o casamento como um espetáculo, "A casa da ladeira de São Sebastião estava repleta. Viera todo mundo, convidado ou não, ninguém queria perder o espetáculo." (AMADO, 2012, p.211).

A ela é proibido tudo aquilo que gosta, ao se casar com Nacib "Só quer ir onde não deve. É só o que você quer fazer. Quando é que você vai meter na cabeça que é minha mulher, que eu casei com você, que é senhora de comerciante estabelecido, abastado? Que não é mais [...]" (AMADO, 2012, p.225). Gabriela em seguida questiona "– Zangou, seu Nacib? Por quê? Fiz nada não" (AMADO, 2012, p.225). As exigências e repreensões de Nacib tornam-se mais frequentes após o casamento, pois para ele é importante que sua esposa, agora senhora *Saad* saiba se comportar de acordo. Então passa a repreendê-la em seus gestos e maneira de ser, a repreendia quando ria muito, ou alto, quando ela queria ir ao circo, um de seus passa tempos favoritos. Era um mundo cheio de regras que não faziam sentido, que não eram parte de sua realidade, pois foi criada a margem da sociedade. Isso não significa que ela tivesse problemas

em entendê-las, fica claro ao longo do romance que Gabriela tem total consciência do que acontece ao seu redor, assim como de suas atitudes, porém lhe custa entender o porquê de todas as regras e porque ela, Gabriela, tem que segui-las.

> Nacib, assim como Clemente, não conseguia compreender que para Gabriela nada disso fazia diferença – nem a riqueza, muito menos o casamento. E foi assim pensando que chegou à ideia de casamento. Note-se que ele não pensou, por certo, em Gabriela, no que ela queria, pensava ou sentia; pensou apenas em si e em seus próprios sentimentos, em seu desejo de posse, em seu ciúme desmedido. Foi egoísta – e, talvez, esse egoísmo tenha sido o real motivo de perdê-la futuramente. Nacib, sem dúvida, subjugava Gabriela: uma vez que mulher, mulata, analfabeta, retirante, pobre, ela não teria, a seu ver, consciência suficiente para decidir sobre sua própria vida. Ele nunca conseguiu (nem se interessou por) entender as coisas sob o ponto de vista de Gabriela. (BRUGGE, 2015, p.125)

Conseguimos perceber que Gabriela tentou e de certa forma, foi forçada a viver dentro de um mundo totalmente diferente do seu. No entanto, ela não se identificou com o discurso burguês, patriarcal e machista, rompendo com esses discursos ao desafiar os padrões da sociedade, tirando seus sapatos e correndo para o terno de Reis, na festa de final de ano, "Gabriela descalçou os sapatos, correu para a frente, arrancou o estandarte das mãos de Miquelina. Seu corpo rodou, suas ancas partiram, seus pés libertados a dança criaram." (AMADO, 2012, p. 272). Nacib, que a princípio não deixou Gabriela participar da festa, ficou "[...] quase a chorar, a cara parada de vergonha e tristeza." (AMADO, 2012, p. 272). Segundo Belline, "A metonímia dos sapatos indica ânsia de liberdade e o desapego do status que Nacib tenta impor-lhe, casando-se com ela […]" (BELLINE, 2008, p. 31). Para Brugge (2015, p.119),

> Note-se, também, a questão da liberdade de ir e vir de Gabriela. Conforme dito nos capítulos anteriores, era comum impor-se às mulheres sua reclusão no ambiente do lar, imposição essa levada a cabo inclusive por Coriolano em relação à sua rapariga Glória. Gabriela, uma vez que livre de qualquer laço de relacionamento com Nacib ou respeito para com a honra e o nome de sua família – Gabriela sequer tinha sobrenome – tinha a liberdade de ir e vir, de flertar com diferentes homens, de usar roupas despojadas. No entanto, é importante salientar que essa liberdade de Gabriela não a aproximava da condição de prostituta. Não era Gabriela uma prostituta. Era uma mulher do povo, cozinheira, livre em seu modo de ser e de pensar, alheia ao conjunto moral que impunha uma série de regras às mulheres da época.

Ao ter que assumir outra identidade Gabriela vai perdendo a alegria de viver. Essa sua vida regrada toma outra direção ao manter um caso com Tonico Bastos, ao ser descoberta por seu marido. Ele não a mata, mas bate nela e anula o casamento, pois em sua mentalidade a traição não era um problema, todavia o casamento sim, que a tornava aquilo que ela não era, "Ao recriminar-se não por ter traído o marido, mas por ter se casado, Gabriela reitera os

valores positivos do sentimento acima de qualquer tipo de interesse material" (BELLINE, 2008, p. 31-32). Com isso podemos perceber que sua angústia recai não sobre a sua traição, mas sobre o fato de ter aceitado casar-se, pois o casamento não a tornou infeliz somente a ela, mas também a Nacib, a quem ela não queria fazer sofrer. É importante ressaltarmos que, se ela não tivesse se posicionado contra os discursos patriarcais que a rodeavam, seu casamento provavelmente não seria feliz e Nacib não teria rompido com o discurso e compreendido o mundo que Gabriela vivia, um mundo livre, sem "representações", livre da moral burguesa. Essa sobreposição dos sentimentos, estando acima de interesses materiais e valores é "uma constante na obra de Jorge Amado que se confirma no final da narrativa, na união feliz com Nacib, de quem volta a ser cozinheira e amante." (BELLINE, 2008, p. 31-32).

3.3 Sorriso, riso e gargalhadas: O *grotesco* em Gabriela

Uma análise que foi feita foi acerca da relação entre Gabriela e a tradição carnavalesca. Proposta por Oliveira em *Das impertinências do corpo de Gabriela no romance de Jorge Amado* ela propõe uma leitura do romance com enfoque na representação do corpo. A partir dos conceitos de grotesco e de carnavalização de Mikhail Bakhtin "para formular o diálogo com a leitura bakhtiniana, a composição do nome emblemático da personagem pode servir como um bom começo." Começando com os temperos que dão nome a personagem "Núcleo da expressão que funde o cravo e a canela, Gabriela já se mostra como um signo da multiformidade artística que está nas bases constituintes do grotesco." (OLIVEIRA, 2011, p. 26).

Gabriela é o oposto do que a sociedade quer que ela seja, se comporta como quer e em favor de sua felicidade e liberdade, ela está inserida em uma sociedade com normas e regras as quais ela não se encaixa e, desta forma, ela estaria em desacordo com os padrões da moral burguesa. Ela seria a anti-norma que rasura o contexto sociocultural, saindo de um mundo físico para um mundo metafísico com a metáfora dos produtos comestíveis em seu cheiro e sua cor, apesar de que "o cheiro de cravo e canela a emanar da sua pele se imprime de uma forte conotação sexual, pois, na narrativa, é a partir desse perfume que o desejo de seus amantes é despertado." (OLIVEIRA, 2011, p.27). Aqui podemos destacar que erotismo e

culinária formam um par indissociável, característica da literatura carnavalesca[24], e também amadiana. Neste sentido podemos dizer que Gabriela seria a representação do grotesco. Pode parecer estranho falar do grotesco tomando como ilustração a figura da personagem Gabriela, um modelo de beleza definitivamente oficializado, como descreve Oliveira (2011, p.26)

> [...] veicula formas de des-recalcar o não-dito por uma cultura oficial. Assim, para encontrar o grotesco nesse corpo, acredito que é preciso situá-lo no plano primeiro de sua enunciação, quando, antes de se destacar num padrão de beleza ou de feminilidade estereotípica, irá representar a anti-norma que rasura o contexto sociocultural flagrado por Jorge Amado, em sua crônica de uma cidade de interior.

Para Bakhtin, o carnaval[25] constituía um conjunto de manifestações da cultura popular, "As celebrações carnavalescas, por possuírem um importante papel na vida das povoações medievais, se realizavam durante um longo período, chegando a durar até três meses."(FRITZEN, 2012, p.153). O carnaval, na verdade, "É uma forma sincrética de espetáculo de caráter ritual, muito complexa, variada, que, sob base carnavalesca geral, apresenta diversos matizes e variações, dependendo da diferença de épocas, povos e festejos particulares." (BAKHTIN, 1997, p.122). O carnaval é caracterizado especialmente pela liberação das restrições, da moral burguesa e dos padrões estéticos da vida cotidiana. Sua origem está relacionada a festa primitiva que celebrava o início do ano ou renascimento da natureza. Constituiu-se enquanto uma manifestação de um mundo distinto, onde as estruturas culturais tidas como oficiais são interrompidas dando lugar as aproximações entre as pessoas.

> […] que colocava em "crise" a seriedade. Para Bakhtin, o carnaval é a universalidade da alegria, dirigida a todos e a tudo; por isso tem a ideia de que o carnaval tem múltiplas faces; ao mesmo tempo textualiza, a partir da ideia de um texto original; intertextualiza, por atribuir variadas formas de interpretação dessa ideia original; contextualiza, por estar inserido no contexto social. (DAL-SASSO, 2012, p.116)

Bakhtin em seus estudos sobre a obra de Rebelais demonstra a importância da carnavalização, que implica em uma inversão de valores e da moral, a dessacralização do

---

[24] A literatura que, de forma direta ou indireta, com seus elos mediadores, teve a influência das diferentes modalidades do folclore carnavalesco (seja ele antigo ou medieval), é chamada de literatura carnavalizada. Um exemplo dessa literatura é o campo sério-cômico, sendo que estudaremos algumas de suas peculiaridades exteriores, que são resultantes da ação transformadora por parte da cosmovisão carnavalesca. (FRITZEN, 2012, p.154)

[25] Importa ressaltar que o termo carnaval não pode ser entendido, aqui, simplesmente como festa popular; é preciso desvincular-se da visão contemporânea de carnaval e entendê-lo como um momento ímpar, de diversão, de catarse, de riso e de caricatura, por meio do qual o pobre pode rir do rico, da autoridade e satirizar as mazelas sociais, podendo expressar, nesse momento, críticas à realidade cotidiana (DAL-SASSO, 2012, p.116).

sagrado e a entronização do profano, “Alargando o palco da vida privada, de uma época delimitada, a carnavalização introduz um palco universal, comum a todos os homens. Na praça do carnaval, a distância entre os homens vê-se substituída por um contato livre e familiar” (DAL-SASSO, 2012, p.117). As relações se constituem paralelamente ao mundo oficial, aproximando as pessoas e dando lugar a liberdade das estruturas culturais tidas como oficiais, “O mundo às avessas, criado pelos atos carnavalescos, é baseado na vida do instinto individual e deseja a igualdade entre os homens. O carnaval põe em relevo o desvirtuamento da cultura oficial através do contraste entre duas imagens [...]” (DAL-SASSO, 2012, p. 117). O carnaval seria a manifestação de um mundo ao “avesso”, ele possui uma linguagem de símbolos que evidencia uma projeção carnavalesca no mundo. Ele estaria em desacordo com a moral burguesa, contudo, é a partir dele que as pessoas se aproximariam, “dando um tempo” das leis. Temos com isso uma ruptura nas leis criadas, as quais determinam a normalidade da vida cotidiana, estas são suspensas. Portanto, trazendo para a análise essa tradição carnavalesca, o corpo da personagem, seus discursos, seu jeito de ser e agir, como descreve Fritzen, “O carnaval sempre vai triunfar sobre a mudança, sobre o processo de mudança e não necessariamente com relação àquilo que muda. Durante o destronamento, o indivíduo, ao se desfazer de suas vestes e acessórios é ridicularizado.” (FRITZEN,2012, p.159).

A carnavalização pode ser compreendida enquanto uma influência do carnaval na literatura e/ou em outras manifestações artísticas. No século XX, alguns escritores, entre eles, Jorge Amado, tem suas obras em uma tradição carnavalesca. Eles retomaram essa literatura de característica popular, onde prevalece o realismo grotesco, que tem como destaque as atividades do baixo ventre, relacionado comer, digerir, praticar o sexo, em oposição a cultura oficial, na qual “predominam as partes altas e externas (cabeça, rosto, olhos, sistema muscular), a serem muito bem delineadas e aperfeiçoadas. Às partes altas somam-se valores nobres, qualidades de virtude, como bondade, inocência, castidade, e toda sorte de emblemas tidos superiores [...]” (OLIVEIRA, 2011, p. 24).

> Na narrativa de Jorge Amado, o corpo solto de Gabriela não reconhece esses códigos. A sua figura não traça linhas de pertencimento com o pudor que dá fôlego às artimanhas de sedução e plasticidade de contornos de um erotismo oficial. Diferentemente das fêmeas fatais de olhares ambíguos à meia luz, o seu corpo está exposto e erguido, e o sexo é sempre solar. Gabriela não se fecha no espaço da alcova e os seus prazeres não centralizam o ato sexual. Do mesmo que se “deita com os moços”, diverte-se no circo, brinca com os moleques, passeia pela rua e vai ao cinema. Todos esses deleites são nivelados numa dimensão carnavalizante, sem predisposições hierárquicas, e o seu corpo está pronto para atender a todos de bom grado. (OLIVEIRA, 2011, p. 28)

“O carnaval tem toda uma linguagem de símbolos concretos e sensíveis que exprimem uma projeção carnavalesca do mundo. Essa linguagem não pode ser traduzida, mas, de certo modo, pode ser transposta para a literatura.”(DAL-SASSO, 2012, p. 116). Tal transposição denomina-se carnavalização da literatura. Os ritos e os espetáculos carnavalescos ofereciam uma visão de mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferentes, deliberadamente não oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter se constituído, ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida. “Essa segunda vida da cultura popular constrói-se como paródia da vida ordinária, como um mundo ao revés” (BAKHTIN, 1987, p. 10). Por sua vez, “O carnaval aproxima, reúne e combina o sagrado e o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, a sabedoria com a tolice, o bem com o mal, o sério ao cômico” (BAKHTIN, 1997 p.123) e “Assim, unem-se todas as manifestações, desaparecendo as hierarquias, entre o alto e o baixo” (DAL-SASSO, 2012, p.117).

O riso será a dimensão cósmica fazendo oposição a cultura oficial, a solenidade, ao tom sério e, é a partir dele que teríamos a unificação da diversidade das manifestações e dimensões cósmicas. De acordo com Bakhtin, o riso é libertador, tornando livre das censuras o homem, não só da censura exterior, mas sobretudo da censura interna. “Se Gabriela, que costumava rir ‘por um nada’, era obrigada a silenciar diante das repreensões do marido, Jorge Amado cuida de fazê-la sorrir entre os parênteses da fala de Nacib, quando a protagonista pode sorrateiramente zombar da ‘xaropada’ das práticas cultas” (OLIVEIRA, 2011, p. 29) valorizadas por ele mesmo sem as entender e apreciar tais práticas.

Nacib demorou compreender o mundo de Gabriela, mas no fim ele aprendeu que essa era a natureza dela. “[...] era desordenada, impertinente e imprevisível. E é no interior dessa ‘deformação’ que Jorge Amado expõe o brilho do seu corpo, criando fendas através das quais se pode vislumbrar, no curso da narrativa, o desvio das formatações uniformes e das condutas reguladoras. (OLIVEIRA, 2011, p. 29).

> Na teoria da carnavalização elaborada por Bakhtin, a imagem grotesca traz consigo um corpo que põe as entranhas para fora, num gesto simbólico de incontinência e destruição dos limites impostos. Na narrativa construída por Jorge Amado, o corpo de Gabriela projeta a utopia do autor na medida em que, prenhe de outros tantos corpos e relatos, é o único realmente explosivo – o corpo do “vir-a-ser” naquelas terras tão quentes e duras do litoral baiano, e naqueles idos de 1925.

Desta forma o sentido libertário que envolve e conduz o seu corpo farto e sorridente por toda a narrativa traz a cultura não oficial, com a liberação das restrições da moral burguesa e dos padrões estéticos da vida cotidiana impostos à sociedade e a própria Gabriela.

4. Cotidiano Popular e relações de gênero: Patriarcalismo e subjetivação feminina na cidade de Ilhéus

Nesse capítulo discutimos sob a ótica de Mary Del Priore, Sônia Regina Vargas Mansano e Úrsula Lima Brugge, o patriarcalismo na sociedade, suas implicações para os corpos femininos fazendo uma análise dos atos de outras duas personagens: Malvina e Sinhazinha. Em seguida identificamos a subjetivação da mulher a partir dessas personagens analisadas.

Ainda que a obra reforce muitos dos estereótipos atribuídos às mulheres e, principalmente à mulata brasileira, é um romance que traz uma discussão sobre o lugar que as mulheres de diferentes classes e etnias ocupam dentro da nossa sociedade. Apesar de se tratar de uma obra escrita em 1958, retratando a realidade da década de 1920, podemos perceber que os avanços em relação à autonomia feminina foram gradualmente tomando novos contornos, mas também podemos ver que muitos dos discursos presentes no enredo permanecem tão atuais quanto foram no passado. Assim, enquanto vemos as projeções da vida política na cidade de Ilhéus, assistimos o desenrolar das vidas privadas na cidade. Em um primeiro momento, Jorge Amado nos traz a narrativa do assassinato de D. Sinhazinha por seu marido e, a partir deste acontecimento, questões políticas e sociais, opressão/liberdade, atraso/ progresso, corrupção/ética e rico/pobre entram para o enredo. Vemos na cidade do interior as leis cruéis dos tempos antigos, o patriarcalismo resistente, a resistência às mudanças que dão lugar aos julgamentos, a violência e a opressão feminina, tudo isso se justificando em torno dos padrões e discursos morais de outros tempos, mas que persistem ao longo dos séculos, alguns novos, outros ressignificados e, no meio disso, mulheres lutando, quebrando com a norma e as regras que lhes são impostas. Malvina, Sinhazinha, Glória e Gabriela são representativas de um cotidiano fortemente marcado pelo machismo, de uma sociedade patriarcal, de uma cultura oficial calcada em uma moralidade burguesa. E assim percebemos que,

> [...] de algum modo, Amado critica os grupos sociais, os costumes, as hipocrisias, os falsos moralismos, os conchavos políticos e, especialmente, as muitas formas de desapreço à mulher – seja à prostituta, à empregada, à solteira, à solteirona ou à casada. A própria história de amor entre Gabriela e Nacib é em si uma das muitas críticas que Amado faz em seu romance, afinal, alguns valores sociais brasileiros são postos em xeque com essa história: um romance entre uma empregada e o patrão, ou seja, o choque cultural provocado por um envolvimento amoroso entre uma mulher desqualificada socialmente e um homem de bom status social – sem contar a questão racial inerente no romance dos dois. (BRUGGE, 2015, p.30)

Essa crítica nos ajuda a observar as mulheres representadas em obras ficcionais e seus cotidianos repletos de dificuldades e como nossa sociedade vive uma dupla moral em relação ao homem e condena fortemente as mulheres. Contudo, podemos olhar como essas mulheres tecem seus caminhos em busca do que querem. Mulheres que romperam com o discurso machista e patriarcal, que não se submeteram às normas e a esses discursos. No entanto, como é possível observar, sofreram as consequências de suas rupturas, mas, ainda assim, enfrentam em busca do que acreditam: liberdade, autonomia, felicidade e conhecimento.

4.1. O patriarcalismo no cotidiano ou a morte violenta de dona Sinhazinha

O romance inicia com a narrativa da morte de Sinhazinha Guedes de Mendonça, "expoente da sociedade local" por seu marido, o fazendeiro Jesuíno Mendonça. O crime corrido é o assunto da "cidade do interior" e "como opinara depois João Fulgêncio [...] fora mal escolhido o dia, assim formoso, o primeiro de sol após a longa estação das chuvas" (Amado, 2012, p.9). Se pararmos para analisar a personagem, ela aparece apenas em duas cenas, na ocasião de sua morte e no seu velório. Mas ela é uma personagem tão impactante que permanece em todo o romance, através das conversas que se vão tecendo em relação ao ocorrido. O que podemos ver por trás dessa narrativa, além de sua trágica morte e o motivo dela: o adultério? Talvez por ser uma senhora de classe alta, ou os acontecimentos que envolviam a cena, "seja pela alta classe dos três personagens nela envolvidos, seja pela riqueza, de detalhes, alguns picantes e saborosos." (AMADO, 2012, p.9). A personagem era religiosa e dedicada a festas de igreja, um exemplo inquestionável de mulher e dona de casa, mas por dentro, em seu íntimo nutria fantasias, fetiches contrários às normas as quais estava submetida. De acordo com Bruno Hatschebach1 e Aparecida Favoreto (2017, p. 366) "O adultério de D. Sinhazinha evidência o debate político acerca da monogamia feminina enquanto epifenômeno diante das mudanças culturais vivenciadas na Ilhéus da década de 1920."

Porque cometer um crime? Jesuíno não podia deixá-los ir e apenas humilhá-los perante a família da esposa? Um assassinato não seria um crime grave? Não quando se trata de traição da esposa e da honra do marido, "honra de marido enganado só com a morte dos culpados podia ser lavada" (AMADO, 2012, p. 10). Aqui nos deparamos com duas questões em relação à dominação de gênero. A primeira é a ideia da honra do marido recuperada

através do assassinato da esposa. A segunda é o fato desse crime não ser penalizado, não ser considerado um crime grave diante da lei e da sociedade. Ainda de acordo com Bruno Hatschebach1 e Aparecida Favoreto (2017, p.367) "[…] o pensamento masculino hegemônico extirpa de si a culpa, relacionando premissas argumentativas sustentadas na dominação de gêneros, a qual reproduz o domínio do chefe econômico sobre os despossuídos.".

Em um contexto social de iminente progresso e mudanças, acontecimentos de caráter opressor nos mostram como a nossa sociedade ainda vive e reproduz costumes machistas de uma cultura patriarcalista de dominação do outro, neste caso a mulher. Apesar de estarmos falando da década de 1920, quando se trata dos discursos e do corpo feminino, as leis são antigas, nos levam a um período muito anterior mas que continua em vigor. O ato de assassinar a esposa por adultério era algo comum e legitimado pela lei e pela sociedade que defendia o marido traído. Ainda que não exista uma lei oficial, ela era tão válida quanto as outras. Se pararmos para analisar, esses são discursos antigos e estão relacionados à "colonização" pela qual o Brasil passou. Os portugueses viram no "Novo Mundo", uma forma fácil de viver e de organizar-se social e economicamente, com mão de obra escrava. Mas essa forma de se organizar desenvolveu no Brasil uma sociedade colonial patriarcal e aristocrática produzindo um sistema que tem impactos até hoje em nossa sociedade. Sobre essa forma de organização e suas consequências sociais, principalmente em relação às mulheres, DEL PRIORE (2014, p.12) expõe

> A soma dessa tradição portuguesa com a colonização agrária resultou no chamado patriarcalismo brasileiro. Era ele que garantia a união entre parentes, a obediência dos escravos e a influência política de um grupo familiar sobre os demais. Tratava-se de uma grande família reunida em torno de um chefe, pai e senhor forte e temido, que impunha sua lei e ordem nos domínios que lhe pertenciam. Sob essa lei, a mulher tinha de se curvar.

A sociedade patriarcal centrada no poder do pai, homem autoritário, teve como uma das principais vítimas as mulheres. Elas eram escravas da dominação e do autoritarismo de seus pais e maridos, viviam sob um forte controle, primeiramente, sob a vigilância e tirania de seus pais, depois sob o controle de seus maridos. A essas mulheres eram negadas a independência, a liberdade e a voz "[...] sob as carícias de maridos dez, quinze, vinte anos mais velhos; e muitas vezes inteiramente desconhecidos das noivas. Maridos da escolha ou da conveniência exclusiva dos pais. [...]" (FREYRE, 2004, p. 423). Esse era o caso de Sinhazinha, ela "Era tão diferente de Jesuíno, seu marido áspero e soturno, vinte anos mais velho do que ela. O dentista, doze anos mais moço, com suas madeixas ondeadas, seus olhos súplices de São Sebastião" (AMADO, 2012, p. 92).

Senhoras casadas, principalmente das classes altas, só saiam de casa para ir à igreja, viviam sob a vigilância de religiosos, das outras mulheres, dos olhos das sogras, de todos a sua volta. Em relação a essa vigilância, Del Priore diz "Quanto à vigilância da comunidade sobre a honra da mulher, esta era permanente. Muitas foram denunciadas por cartas anônimas: 'Sua ausência tem contribuído para sua desonra. Sua mulher se acha fora de casa' […]." (DEL PRIORE, 2014, p.55). É assim que o relacionamento extraconjugal entre Sinhazinha e Osmundo é descoberto por seu marido: "- Foi carta anônima. Jesuíno encontrou na fazenda. - Quem teria escrito?" (AMADO, 2012, p. 89).

Brugge em sua tese de doutorado tenta responder como ocorrem os processos de subjetivação/formação das mulheres no romance Gabriela, Cravo e Canela e até que ponto elas representam resistências aos modos de subjetivação na sociedade brasileira descrita na narrativa. Ela dedica um capítulo para analisar a personagem Sinhazinha onde "tamanhas eram as difamações sofridas por Sinhazinha em seu pós-morte, que até Tonico Bastos insinuou para Nacib ter navegado naquelas águas" (BRUGGE, 2015, p.67). Entre tantas falas, Brugge chama a atenção para a de Anabela, como sendo a única a mostrar alguma empatia pela falecida, "Dentre tantas difamações contra o casal, especialmente contra Sinhazinha, apenas uma pessoa disse algo entre todos aqueles falatórios e difamações: Anabela." (BRUGGE, 2015, p.67). No romance a narrativa aparece da seguinte forma:

> – Ouvi dizer que hoje houve um crime aqui? – Verdade. Um fazendeiro matou a mulher e o amante. – Coitadinha... – comoveu-se Anabela, e essa foi a única palavra a lastimar o triste destino de Sinhazinha, nessa tarde de tantos comentários. – Costumes feudais... – pronunciou Tonico Bastos voltado para a dançarina. Aqui ainda vivemos no século passado. (AMADO, 2012, p. 103).

Mas como destaca Brugge, Anabela era de fora, uma forasteira, talvez seu sentimento e simpatia pela vítima estejam no fato de ela própria ser "anti-norma", uma dançarina que tinha um companheiro, mas com o qual não era casada. Além disso, saia com outros homens tirando algum proveito disso. Diferente de Anabela, o comportamento e opinião das mulheres locais se mostrava contrário ao da bela dançarina. As opiniões são, em sua maioria, condenado à atitude de Sinhazinha. Assim, é possível perceber em uma conversa entre Mundinho Falcão, Malvina, Iracema e Celestina a respeito do crime, quando Iracema pergunta a opinião dele,

> "– E o senhor, que pensa do crime? – Perguntou Iracema, fogosa morena de namoros falados, no portão do quintal de sua casa."
> "– É sempre triste saber da morte de mulher bonita. Sobretudo morte assim horrível. Mulher bonita é sagrada" – respondeu Mundinho.

> "– *Mas ela enganava o marido* – acusou Celestina tão moça e tão solteirona" (AMADO, 2012, p. 90).

Brugge ainda nos faz refletir sobre duas questões sendo a primeira o status da mulher e sua condição em ser "digna" de algo, levando em consideração a sua beleza:

> [...] e se não fosse bonita Sinhazinha? Diferença nenhuma faria então? O status quo da mulher estaria, pois, ligado exclusivamente à sua beleza e ao seu corpo? É certo que tal colocação vem para ilustrar o espírito boêmio de Mundinho Falcão, mas junto, dar-se também para capturar certos traços da moral cultuada em relação às mulheres. (BRUGGE, 2015, p.68).

O segundo, é o fato é de que as mulheres, enquanto sujeitos de uma sociedade com valores fortemente patriarcalistas, acabam reproduzindo os discursos referentes a sua condição de mulheres, sendo elas sujeitos impossibilitados de sair do "*script"* em relação ao que é certo para o seu sexo e, assim, acabavam por condenar a si mesmas e as outras. Sobre isso Brugge (2015, p.69) diz,

> Como se pode perceber com o comentário de Celestina, não eram apenas os homens quem condenavam o comportamento de Sinhazinha. As próprias mulheres, uma vez inseridas na ordem moral vigente, acabavam por reproduzir esse discurso de escárnio contra si próprias. Inclusive, dentro da organização social de Ilhéus, as solteironas tinham justamente o papel de fiscalizadoras das demais mulheres para que elas se mantivessem fiéis aos preceitos da cultura machista em voga naquela sociedade.

Assim, a ideia que se constituiu ao longo dos séculos em uma sociedade influenciada pelo discurso dominante, onde as mulheres viviam sobre um forte controle em suas casas e nas ruas, é a ideia da mulher perfeita, digna, que nada reclama, que aceita sua condição de submissa. Uma fala que representa de forma nítida a visão que se tinha da mulher casada e seu lugar é a fala do dr. Maurício que diz "– Mulher casada é para viver no lar, criar os filhos, cuidar do esposo e da família..." (AMADO, 2012, p. 93) e "decretara dr. Maurício, dando continuidade ao seu discurso de moral em relação à conduta ideal da mulher casada" (BRUGGE, 2015, p.77).

> [...] pode-se dizer que Sinhazinha vivenciava um duplo movimento: por um lado, submetia-se à moral, circulando apenas nos espaços lícitos às mulheres, isto é, o próprio lar e a igreja. Mas, ao mesmo tempo em que estava aprisionada nesses espaços, deixava sua mente livre para experienciar suas fantasias, seu erotismo e sua sexualidade – condenadas pela religião. No entanto, a presença do dentista abalara completamente seu jogo de sobrevivência ao casamento frio e ao marido rude que possuía. Ele representava, com sua figura assemelhada a do santo e com suas palavras açucaradas, a concretização de suas fantasias mais secretas. (BRUGGE, 2015, p.73)

Não procuramos aqui justificar o comportamento de Sinhazinha, mas entender o seu comportamento. Como que ela passa de dona de casa, senhora do lar, respeitada e praticante da fé católica a ter um caso com um dentista doze anos mais jovem? Sabendo que essa conduta é imoral e condenada, em uma sociedade com valores fortemente patriarcais, onde o adultério por parte das mulheres era pago com a própria vida. Para a mulher que era pega em adultério, como coloca Del Priore (2014, p.34) "Havia o troco: a morte da mulher". Então, porque ela corre esse risco, ser pega com seu amante, levar dois tiros deixando a cidade de Ilhéus a comentar o assassinato, mas não a lamentar sua morte? A maioria se posiciona em defesa do assassino e para eles era justificada tamanha crueldade, pois era em defesa da honra, do marido traído."A notícia correra rápida como relâmpago e cresceram o respeito e a admiração que já cercavam a figura magra e um tanto sombria do fazendeiro. Porque assim era em Ilhéus: honra de marido enganado só com sangue podia ser lavada."(AMADO, 2012, p. 87). De acordo com Del Priore (2014, p.34)

> Na legislação lusa e na sociedade colonial, a punição do assassínio do cônjuge por adultério era desigual. Enquanto para as mulheres não se colocava sequer a possibilidade de serem desculpadas por matarem maridos adúlteros, aos homens a defesa da honra perante o adultério feminino comprovado encontrava apoio nas leis. O marido traído que matasse a adúltera não sofria nenhuma punição.

Fica evidente que os castigos e punições por adultério tem muito mais peso quando se trata do sexo feminino. Essa lei continuava a vigorar na sociedade, e era tão válida que a condenação do assassino não passava de uma menção

> […] não se conhecia outra lei para traição de esposa além da morte violenta. Lei antiga, vinha dos primeiros tempos do cacau, não estava no papel, não constava do código, era, no entanto, a mais válida das leis e o júri, reunido para decidir da sorte do matador, a confirmava unanimemente, cada vez, como a impô-la sobre a lei escrita mandando condenar quem matava seu semelhante. (AMADO, 2012, p. 87-88)

Contudo, apesar de uma persistência desses "costumes" antigos, vão surgindo ao longo do romance novos costumes, presentes nas mulheres e também nas atitudes de alguns homens. É assim que, contrariando a lei da época, o coronel Jesuíno Mendonça, assassino de sua esposa dona Sinhazinha e de seu amante Osmundo, é condenado à prisão, trazendo uma ideia de ruptura com o passado sangrento da cidade envolvendo a dominação da terra e o autoritarismo que esses homens estabeleciam sobre as mulheres.

4.2 *A indiferente, a ingrata, a soberba, a orgulhosa* Malvina

Além de Anabela, a única que mostrou algum outro traço de solidariedade pela morte de Sinhazinha foi Malvina. No funeral onde ela foi vista a levar flores "[...], enquanto o pai levava seu apoio ao marido traído – mas de honra lavada pelo sangue dos traidores! –, Malvina levava flores à desvalida finada." (BRUGGE, 2015, p.32). Uma moça solteira em um velório de uma adúltera? Deixou a cidade a comentar, o que ela faria ali, o que queria?

Quem era Malvina? Seria ela apenas mais uma das "futuras mães de família" de Ilhéus (AMADO, 2012, p. 148)? Não, Malvina era diferente, tinha "caráter", como atestara João Fulgêncio – "homem de muito saber, dono da Papelaria Modelo, centro da vida intelectual de Ilhéus" (AMADO, 2012, p. 09) – na ocasião do esvaziado velório de Sinhazinha Guedes de Mendonça.(BRUGGE, 2015, p.32). Apesar de ser de Ilhéus enxergava a vida de outra forma, não se deixava influenciar pelos comentários da cidade, era ousada e rompia constantemente com o discurso de sua época. Jorge Amado descreve a relação de Malvina com a cidade da seguinte forma,

> Malvina odiava aquela terra, a cidade de cochichos, do disse-que-disse. Odiava aquela vida e contra ela passara a lutar. Começara a ler, João Fulgêncio a encaminhava, recomendando-lhe livros. Descobriu outro mundo mais além de Ilhéus onde a vida era bela, onde a mulher não era escrava. As grandes cidades onde podia trabalhar, ganhar o seu pão e a sua liberdade. Não olhava para os homens de Ilhéus, Iracema a chamava de virgem de bronze, o título de um romance, porque ela não tinha namorados. Josué a rondava, viera de fora, escrevia sonetos, publicava em jornais. Dedicado à indiferente M..., Iracema lia alto no pátio do colégio. Um dia, quando um marido enganado matou a esposa, Malvina conversara com ele, namoraram uns dias. Talvez, quem sabe, fosse diferente? Era igual. Logo quisera lhe proibir pintura no rosto, amizade com Iracema – é falada por todos, não é amiga pra você –, ir a uma festa em casa do coronel Misael para a qual ele não fora convidado. Tudo isso em menos de um mês. (AMADO, 2012, p. 197)

De acordo com Brugge, ela "Optava sempre por fazer aquilo que por sua própria cabeça julgava correto. E, assim, comparecera ao velório. Rezara uma prece junto ao caixão, deixara as flores que trazia e, em seguida saíra, com a mesma cabeça erguida com que entrara" (BRUGGE, 2015, p.33). Suas atitudes são vistas por Hatschebach e Favorento como sinônimo de mudanças. Eles dizem que "A ruptura de Malvina denota o grau de desenvolvimento civilizatório da cidade de Ilhéus enquanto apêndice econômico, em contradição patente com a latência das mudanças" (HATSCHEBACH; FAVORETO, 2017, p. 365).

Malvina, assim como Sinhazinha, era de família rica, moça de "boa família", estudante do colégio das freiras e queria mais. Queria cursar o ginásio, não aceitaria quieta a

vida de mulher dona de casa sendo mandada pelo marido. Ela era obstinada, queria sua liberdade, mas em sua cabeça de jovem, que pouco conhecia do mundo, além do que lia nos livros, a única maneira possível de sair de Ilhéus, estudar e ser livre, seria casando-se. Nos parece irônico que alguém que é contra todas as normas da sociedade em que está inserida, quer justamente um dos princípios sociais impostos às mulheres, o casamento. Em sua visão casar-se era a única maneira de deixar Ilhéus e ser livre, ainda que estivesse dentro de uma lógica patriarcal, era parte do seu plano "Amaria quem lhe oferecesse o direito de viver, quem a libertasse do medo do destino de todas as mulheres de Ilhéus" (AMADO, 2012, p. 197). A partir disso percebemos que Malvina temia ter o mesmo destino de sua mãe, que representa, na obra, assim como outras mulheres de coronéis e fazendeiros, a mulher submissa ao discurso machista de uma sociedade com regras patriarcais preestabelecidas.

Assim, quando Malvina se relaciona com o professor Josué, é por pensar que ele poderia tirá-la da cidade, e ter uma vida diferente daquela que ela estava acostumada a ver – através das mulheres que conhecia, incluindo sua mãe – mas ao perceber que ele seria como os outros, possessivo e a decidir por ela, dá um basta no curto relacionamento, e Josué a definiu em um de seus poemas como "à indiferente, à ingrata, à soberba, à orgulhosa M…" (AMADO, 2012, p.199), ressentido com Malvina por sua atitude. Ela procurava um homem que fosse de fora, com outra visão de mundo, "diferente" dos que conhecia, pois, desta forma, poderia seguir com seus planos, ser livre para viver sua vida e poder decidir. O que ela não sabia, é que seria mais difícil do que pensará. Levando a sua ideia adiante de conseguir sua liberdade através da união com um homem, ela mostra interesse em Mundinho Falcão, que percebe as intenções da moça. Em seguida ela passa a se relacionar com Rômulo Vieira, engenheiro do Ministério da Aviação. Ele "[...]falava-lhe do Rio, da vida naquela cidade distante. Malvina sonhava. Sonhava e se apaixonava."(BRUGGE, 2015, p.49). O fato dele já ter sido casado nada fez diferença em sua decisão, para ela "Que importava casamento? Simples convenção. Imaginava-se morando com Rômulo no Rio, trabalhando e ajudando-o, sendo sua amante e secretária, cursando faculdade, fazendo-se independente." (BRUGGE, 2015, p.49).

É importante percebermos como a questão do casamento é algo significativo em uma sociedade patriarcal. Rômulo não vivia com aquela que seria a sua esposa, alegava não estar mais casado com ela, mas, ainda assim, era visto como um homem casado e, portanto, inadequado para as moças "casadoiras". As moças de família deviam "dar-se ao respeito". A sexualidade era um tabu, a virgindade era sagrada, e relações sexuais só no casamento, "até os

anos 1960, a sexualidade devia se realizar por meio do casamento, e a mulher que se entregasse a um homem fora dele era dada como perdida." (DEL PRIORE, 2014, p.73). Ela

> (…) Sabia que a cidade toda comentava, que no colégio não se falava de outra coisa, algumas amigas afastavam-se dela, Iracema fora a primeira. Que lhe importava? Encontrava-se com ele na avenida da praia, inesquecíveis conversas. Nas matinês do cinema beijavam-se com fúria, ele dizia ter renascido ao conhecê-la. Melk na roça, certas noites Malvina viera – a casa a dormir – encontrá-lo nos rochedos. Sentavam-se na cadeira cavada na pedra, as mãos do engenheiro percorriam seu corpo. Ele sussurrava pedidos, a respiração arfante. Por que não seria logo, ali mesmo na praia? Malvina queria ir embora de Ilhéus. Quando partissem seria dele. Faziam planos de fuga. AMADO, 2012, p. 197).

Mas ela não se incomodava com os falatórios, pois jurava desde mocinha que não teria uma vida como a de sua mãe. "Odiara desde cedo a casa, a cidade, as leis, os costumes. A vida humilhada da mãe a tremer ante Melk, a concordar, sem ser consultada para os negócios. [...]" (AMADO, 2012, p. 217). Não se sujeitaria às vontades de seu pai, a um marido arranjado e aos discursos e normas da sociedade a qual estava inserida. Assim, "Certas noites, fugira de casa e encontrara-se com ele (Rômulo) nos rochedos da praia: sentados nas pedras, as mãos do engenheiro corriam-lhe todo o corpo; ele, em respiração arfante, sussurrava-lhe pedidos. Ela resistia: quando partissem, seria dele. Faziam planos de fugir juntos." (BRUGGE, 2015, p.49).

A resistência de Malvina em "entregar-se" a Rômulo era bastante justificável: ela era moça, isto é, virgem. Com relação à virgindade feminina, nessa época, ela era algo bastante valorizada; longe de ser uma condição determinada pela natureza, essa "era uma produção cultural para a qual corroboravam socialização familiar, educação formal e controle social. A produção de corpos castos era resultante da atuação do poder disciplinar, posto em prática, sobretudo, na família e na escola, bem como da violência física e simbólica" (CARDOSO, 2010, p. 197 *apud* BRUGGE , 2015, p. 49). Os corpos femininos castos eram fruto de uma série de mecanismos de poder que envolviam aqueles corpos, produzindo-os de uma dada forma, bem como da submissão e obediência das mulheres às normas vigentes. Entretanto, vale lembrar que esses corpos "não eram disciplinados apenas através da condenação e da punição da transgressão, a valorização familiar e social daquelas que eram consideradas moças inseridas nas prédicas sociais, também os conformava" (CARDOSO, 2010, p. 197 *apud* BRUGGE, 2015, p.49). Mas os planos da jovem sonhadora, que ansiava por liberdade e estudos desmorona, quando seu pai descobre o romance, e apesar da surra que leva ainda manda um bilhete para Rômulo pois em seu pensamento iria embora com ele, sem se casar, só queria ir embora.

Mais tarde, enquanto Malvina enfrentava bravamente seu pai em nome do romance com o engenheiro, sofrendo na pele por sua ousadia, Rômulo escondia-se no Hotel Coelho. Lá, Rômulo Vieira, competente engenheiro do Ministério da Viação e Obras Públicas, tremia de medo "[...] Trancou-se em seu quarto e de lá só sairia direto para o navio. Mas, embora o medo, chegara a receber um bilhete de Malvina entregue pela empregada em suas mãos, no hotel". (BRUGGE, 2015, p.50). Enquanto ela marcava um encontro na esperança de ir embora, ele a via como louca por desafiar a autoridade de seu pai. "E a louca a marcar encontro nos rochedos" (AMADO, 2012, p. 198). "Ele tinha tino para doidas... Só se metia com elas. Que tamanho absurdo marcar encontro depois de tudo o que aconteceu!" (BRUGGE, 2015, p.50). A questão principal em relação a sua decisão de ir embora acompanhada de um homem, muda com a surra que ela leva do pai e o fato de Rômulo a deixar esperando nos rochedos, "Malvina esperava no alto dos penedos. Em baixo, as ondas chamavam. Ele não viria, de tarde quase morrera de medo, ela agora compreendia. Fitou a espuma a voar, as águas chamavam, por um instante pensou em se atirar". (AMADO, 2012, p. 199). Mas ela queria viver, "Nas ondas atirou os planos feitos, a sedução de Rômulo, suas palavras e o bilhete que ele lhe escrevera dias depois de desembarcar." (AMADO, 2012, p. 199)

Malvina passa a ver suas decisões de outra maneira, a culpa que sentia em relação aos sentimentos de seu pai se desfaz, assim como o fato de suas decisões ainda serem baseadas nas normas sociais as quais ela está submetida. Ela percebe que ainda está presa aos costumes e enfrenta a desilusão de ter depositado sua vida, sua tão sonhada liberdade em um homem covarde. A partir de então ela passa a ver e rever seus planos, mas não com a perspectiva de antes, centrada na figura masculina, mas sim nela mesma. Assim

> Dava-se conta Malvina do erro cometido: para sair dali só vira um caminho, apoiada no braço de um homem, marido ou amante. Por que? Não era ainda Ilhéus agindo sobre ela, levando-a a não confiar em si própria? Por que partir pela mão de alguém, presa a um compromisso, a dívida tão grande? Por que não partir com seus pés, sozinha, um mundo a conquistar? Assim sairia. Não pela porta da morte, queria viver e ardentemente, livre como o mar sem limites. Segurou os sapatos, desceu dos rochedos, começou a esboçar um plano. Sentia-se leve. Melhor do que tudo fora ele não ter vindo, como poderia viver com um homem covarde? (AMADO, 2012, p. 199)

Esse momento talvez seja o ápice de sua tomada de consciência, é nessa fase que ela percebe como ainda estava presa aos costumes da cidade, que suas decisões ainda eram baseadas e tomadas a partir deles. "É importante perceber que a revolta de Malvina em relação a Ilhéus teve como ponto inicial a questão da condição da mulher e o espaço que essa

(não) ocupava naquela sociedade." (BRUGGE, 2015, p.44). Quando Malvina expressou seus desejos de que gostaria de cursar o ginásio e faculdade, seu pai se mostrou contrário "— Não quero filha doutora. Vai pro colégio das freiras, aprender a costurar, contar e ler, gastar seu piano. Não precisa de mais. Mulher que se mete a doutora é mulher descarada, que quer se perder" (AMADO, 2012, p. 218). Essa resposta de Melk, concorda com as ideias de uma sociedade patriarcal, onde as filhas são ou isoladas do mundo, ou instruídas para serem mães e esposas exemplares no futuro. A visão construída ao longo do tempo e ainda em voga no início do século XX, diz que

> Fora dos papéis tradicionais, a mulher era uma promessa de flagelo. As inteligentes, consideradas perigosas. O médico italiano Cesare Lombroso afirma que aquelas dotadas de grande capacidade intelectual eram criminosas natas. Seriam incapazes do altruísmo, da abnegação e da paciência que caracterizavam a maternidade. Mulheres honestas que quisessem se educar corriam o risco de se tornar prostitutas ou suicidas, porque homens comuns jamais se casariam com elas – o conhecimento lhes causava "repugnância"(DEL PRIORE, 2014, p. 66).

Com relação à educação dada as filhas, enquanto muitos pais não queriam que suas filhas aprendessem a ler e a escrever no século XIX, no início do XX outras são confinadas em colégios de freiras para aprender a ler, cozer e rezar. Esse discurso está presente nas conversas entre coronéis e fazendeiros, como afirma coronel Amâncio para os outros "– As meninas boto no colégio das freiras, está certo." (AMADO, 2012, p. 25). Essa mudança ocorre devido às questões sociais, onde a mulher é a responsável pelo lar e educação de seus filhos. Nesse sentido era necessária uma educação, mesmo que mínima, mas não um ensino formal com o que Malvina tanto anseia. A função enquanto mulher, ou seja, esposa e mãe, era a de educar os filhos, futuros cidadãos. O conhecimento estavam fora de suas obrigações, "A mulher precisava, pois, para a concepção da época, ser formada para ser futuramente uma mãe virtuosa, um pilar de sustentação da família, alguém cuja moral fosse sólida, permeada de bons princípios; a futura educadora dos filhos que certamente teria". (BRUGGE, 2015, p.39) Sobre a busca de Malvina pelo estudo Brugge diz,

> Um dos intentos de Malvina, em sua saga em busca da libertação, era o estudo. Queria estudar, cursar o ginásio e depois faculdade. Porém, o cenário educacional brasileiro que se apresentava na época não era tão favorável assim aos intentos e anseios da destemida Malvina, afinal, como explicam Silva e Inácio Filho (2004), algumas questões da Primeira República, no que se refere à educação – especialmente da mulher –, remontavam os tempos do Brasil Império. Naquele período, a educação formal feminina era praticamente nula, o que, para os autores, contribuía diretamente para aprofundar ainda mais a disparidade entre os sexos e a exclusão social da mulher. (BRUGGE, 2015, p.34)

É importante destacarmos aqui, que a leitura se mostra como um ponto importante na formação cultural e social de Malvina, visto que não demonstra interesse nos romances destinados às moças os quais ela ignorava, lendo os livros "proibidos". Esses romances "conhecidas como *literatura cor-de-rosa*" (grifo da autora, BRUGGE, 2015, p.42) De acordo com Brugge eram

> (...) um instrumento da pedagogia do adestramento feminino comum à época, o casamento era apresentado às moças como uma redenção, uma salvação à sofrida vida de solteira e, como não poderia deixar de ser, o casamento era apontado como o fim último de todas as moças. É valido lembrar que, os romances de amor, especialmente os franceses, eram os mais procurados pelas moças da elite brasileira, o que acabou servindo como mais um instrumento de educação das mulheres brasileiras da época ao importar para o Brasil o modelo aristocrático francês (BIBLIOTECA..., 2014 *apud* BRUGGE, 2015, p.43)

No entanto, não funcionava com Malvina que se mostrava indiferente às normas, assim, enquanto as colegas se dedicavam à Biblioteca Cor de Rosa, ela corria os olhos por outras prateleiras de livros, folheando romances de Eça de Queirós e Aluísio Azevedo. Iracema, com risinhos maliciosos, aproximou-se a comentar que em sua casa tinha O Crime do Padre Amaro, mas o irmão – um acadêmico de medicina – impediu-a de ler, pois "não era leitura pra moça" (AMADO, 2012, p. 158). "– E por que ele pode ler e você não? – Cintilaram os olhos de Malvina, aquela estranha luz rebelde." (BRUGGE, 2015, p.43).

A leitura era algo tão importante na vida de Malvina, que o pai, logo após a épica surra que dera na filha por conta de seu escandaloso namoro com o engenheiro casado, passou em seu quarto, tomou-lhe os livros, as revistas, deixando-a apenas com uns poucos jornais da capital. Antes, havia falado com João Fulgêncio; interrogou-lhe sobre "uns livros ruins para meninas" (AMADO, 2012, p. 192) que lhe havia vendido. Para o coronel Melk – analfabeto de pai e mãe –, "livros para meninas eram só os do colégio, qualquer outro só prestava para desencaminhá-las. (BRUGGE, 2015, p.44)

É evidente que as maneiras de educar e ver as mulheres também tem a ver com sua classe social. As mulheres de classe alta viviam sob um forte controle de sua sexualidade, enquanto "nos setores populares, em que a mulher tinha maior autonomia e menos controle familiar, a sexualidade era menos reprimida. *O tabu da virgindade violado*." (DEL PRIORE, 2014, p.62). Mas,

> Pobre ou rica, a mulher possuía, porém, um papel: fazer o trabalho de base para todo o edifício familiar – educar os filhos segundo os preceitos cristãos, ensinar-lhes as primeiras letras e atividades, cuidar do sustento e da saúde física e espiritual obedecer e ajudar o marido. Ser, enfim, a "santa mãezinha". Se não o fizesse, seria confundida com um "diabo doméstico". Afinal, sermões difundiam a ideia de que a mulher podia ser perigosa, mentirosa e falsa como uma serpente[...](DEL PRIORE, 2014, p.12)

4. 3 A subjetivação feminina

Gabriela, Sinhazinha e Malvina são personagens muito importantes no enredo. Estão fora do padrão da cultura oficial, invertem o mundo e quebram as normas. Essas mulheres em geral são mulheres com ideais libertárias, que vão se construindo em um processo de tomada de consciência e/ou são mulheres que estão dentro das regras morais de seu período e tentam jogar com elas, sendo o casamento uma forma de jogar com algo aceito socialmente para chegar a um objetivo. Elas sofrem consequências de seus atos na sociedade, têm destinos trágicos, sofrem violências, são expulsas, humilhadas, mas apesar de duras as consequências, não haveriam rupturas dos discursos machistas, sem os seus atos e elas tinham consciência disso. O ritmo das mudanças ocorridas na vida das mulheres veio acompanhado de certa ansiedade pelos setores mais conservadores, especialmente porque já estavam demasiadamente abalados pelas grandes transformações pelas quais passava o Brasil desde o último quartel do século XIX. Como vimos anteriormente e como destaca Brugge

> [...] essas mudanças não se davam igualmente em todo o âmbito do território nacional; era especialmente nas cidades e nos grandes centros – habitados por uma população heterogênea, composta de imigrantes, ex-escravos e representantes das elites que migravam do interior para as cidades – que aconteciam as mudanças mais sensíveis, trocando a velha aparência paroquial por uma atmosfera mais cosmopolita e metropolitana. (BRUGGE, 2015, p. 86)

Quando trazemos para a análise a personagem Sinhazinha, podemos expor várias discussões sobre seus atos e suas escolhas socialmente condenáveis. Podemos colocar em foco aqui, o ato do da traição, onde, de acordo com Rosana Patrício (1992, p. 43), Sinhazinha "[…] rompeu com o modelo tradicional de esposa. Transgrediu frontalmente as normas vigentes na sociedade Ilheense"(apud BRUGGE, 2015, p.89). enquanto que para com Brugge "Sinhazinha mantinha um relacionamento extraconjugal às escondidas. Ela não rompeu com as normas; quando muito, burlou as regras. Em outras palavras, ela encontrou uma forma de manter-se dentro do jogo normativo da sociedade, mas escapando-se dele, vez por outra, para viver aquilo que suas necessidades individuais e instintivas colocavam para ela (BRUGGE, 2015, p.89)

Mas podemos pensar desde outro ponto e analisar o sentido que esse comportamento nos revela sobre ela, seu significado para a mulher que é dona Sinhazinha. No entanto, como observou Brugge, não temos sua trajetória anterior ao casamento. Como temos a de Malvina e de Gabriela. Ela aparece a partir do adultério então podemos dizer que essa personagem só existe para nós a partir de seu ato socialmente condenável pela sociedade. É com ele que se

inicia o enredo, é através dele que tomamos conhecimento da personagem, é com ele que vemos os muitos discursos machistas, misóginos patriarcais, entre homens e mulheres, que cercam aquela sociedade. Assim Brugge diz,

> (...)embora não existam elementos concretos que exemplifiquem e esclareçam os processos de formação pelos quais Sinhazinha fora submetida em sua mocidade – uma vez que ela já é senhora adulta e casada –, isso pode ser entendido através de um deslocamento da análise para a trajetória de vida de Malvina. É muito difícil, pois, estabelecer os limites entre uma discussão a respeito de Sinhazinha e Malvina porque, se o que está em jogo – e é exatamente o que aqui está – são os modos de subjetivação da mulher, isto é, os processos pelos quais uma dada mulher teve de passar para se tornar aquilo que é – o produto final de todo um mecanismo de esquadrinhamento e reconstituição –, estabelecer um limite entre Sinhazinha e Malvina torna-se quase impossível.(...) Nesse sentido, podemos pensar que, por conta de sua posição social, Sinhazinha provavelmente foi em sua mocidade, assim como Malvina o é no presente na narrativa, a uma jovem estudante do colégio de freiras, juvenil e risonha, obrigada a casar com Jesuíno Mendonça a mando da família, desconstituída e entristecida pelo casamento frio que levava com o velho coronel. As bases de sua formação, portanto, foram provavelmente as mesmas às das demais mulheres de família que compõem a história: preceitos religiosos católicos, opressão da família, ideais inculcados de que a boa mulher tem, antes de tudo, que ser recatada, séria, respeitosa e que o casamento era a finalidade de toda a formação que recebia. Até aí nenhuma novidade aparente. (BRUGGE, 2015, p.89-90)

"Sinhazinha representa o futuro ideal de Malvina", e apesar de suas diferenças "elas são próximas por sua condição social"(BRUGGE, 2015, p.89). Elas seriam desta forma, a representação do passado e futuro uma da outra, da mulher, mãe e esposa ideal, dentro do sistema de pensamento dominante ocidental. Construídas a partir de discursos e práticas do cristianismo, do Estado e da cultura tida como oficial, onde o Outro só existe na medida da sua identidade com o Mesmo, com o universal. Essa sua trajetória, a partir de um deslocamento proposto por Brugge(2015) nos ajuda a entender quem era Sinhazinha, nos diz muito sobre sua vida cotidiana e como provavelmente viveu uma vida reprimida e infeliz em seu casamento, e até mesmo como o relacionamento extraconjugal não foi algo fácil ou mesmo premeditado, para alguém que vivia dentro de um conjunto de normas.

Cabe ainda fazermos uma reflexão a partir da sua vestimenta, "Histórias como aquela, de amores ilícitos e vingança mortal, com detalhes tão suculentos, meias pretas, meu Deus!, não aconteciam todos os dias."(AMADO, 2012, p.91). Mais tarde até o próprio Nacib sonhou com a falecida e suas meias "Deitou-se, apagou a luz. O sono o venceu, um sono agitado, sonhou inquieto com Sinhazinha, o corpo nu, calçada com meias pretas, estendida morta no convés de um navio estrangeiro entrando na barra." (AMADO, 2012, p.118)

Podemos pensar o relacionamento como sendo o seu ato máximo de transgressão como coloca Rosana Patrício (1992), mas questionar a violação da norma a partir de suas meias pretas, enquanto um rompimento com o modelo tradicional de esposa e normas sociais

e, enquanto mulher burguesa ao usar uma roupa íntima sensual. O que isso nos diz? A repercussão do uso das meias pretas é tão grande quanto o ato extraconjugal. Encontrara Sinhazinha no quarto, calçada apenas com as depravadas meias pretas, como contou "Ari Santos – o Ariosto das crônicas no Diário de Ilhéus, empregado em casa exportadora e presidente do Grêmio Rui Barbosa" (AMADO, 2012, p. 90) – e como constaria nos autos, "meias finíssimas, mercadoria estrangeira. Certamente mandadas trazer por ele da Bahia, da loja do pai" (AMADO, 2012, p. 91). Patrício explica que:

> [...] as meias pretas representam um exemplo de requinte na relação de Sinhazinha e Osmundo, "uma marca da sexualidade reprimida que emerge com intensidade. Com efeito, numa relação sexual tradicional, esvaziada de seu conteúdo erótico, não seria pertinente o uso de objetos para intensificar as sensações" (PATRÍCIO, 1992, p. 43). Por outro lado, lembra a autora, "trata-se de um procedimento vinculado à noção de sexo como 'imoralidade' e 'devassidão', segundo o discurso dos conservadores" (PATRÍCIO, 1992, p. 43). […]. Tratava-se, pois, de um fetiche, uma fantasia, um capricho de amantes. Mas, é válido lembrar, o sexo, nessa época, era severamente reprimido pela moral cristã que pregava, por um lado, o casamento como única forma legítima de purificação do sexo, por outro, toda e qualquer atividade sexual fora do casamento, bem como por outro fim que não o da procriação como algo condenado. O sexo praticado por Sinhazinha e Osmundo, portanto, era duplamente pecaminoso. ((PATRÍCIO, 1992, p. 43 *apud* BRUGGE, 2015, p.)

Esse universo sensual era restrito às mulheres casadas ou ainda, às mulheres de boa família. Mesmo no íntimo de suas casas com seus maridos, certos comportamentos não eram bem-vistos, além disso, tinha todo um pudor, criado a partir dos mecanismos de controlo e vigilância que a igreja e Estado infundiam nos últimos séculos, sobre os corpos femininos e os discursos médicos que se encarregaram dessa vigilância e cuidado sobre esses corpos. Sobre isso Mary Del Priore nos diz

> […] centralizava-se o imaginário feminino na questão do pudor: as mulheres não deviam se olhar no espelho, nem mesmo na água das banheiras. Em compensação, espelhos forravam as paredes dos bordéis. As mulheres conheciam mal o próprio corpo, e toda evocação de feminilidade – nas roupas íntimas, por exemplo – era malvista. Na cama, usavam-se camisolas fechadas com uma abertura na altura da vagina. Bordado em torno do furo, a mensagem? "Deus abençoe essa casa"! O corpo era coberto, protegido por laços, nós, botões. O pudor obsessivo, a complicação das roupas, tudo isso possuía efeitos perversos: fixava o olhar masculino nos ombros, no couro das botinas, na fineza dos pés, nos cabelos longos. (DEL PRIORE, 2014, p.65)

Talvez em um gesto de mostrar a repressão que a mulher casada passava, até mesmo no universo íntimo, onde era proibido se vestir e se comportar como uma mulher da "vida", *mulher dama* ou ainda demonstrar que as mulheres mesmo as casadas tinha um desejo erótico, mas esse era reprimido pela moral, onde muitas vezes esse desejo só podia manifestar-se em

poucos casos, ou em caso extraconjugal, esse universo sensual está presente também em outras obras amadianas, como em *Dona Flor e seus dois maridos(1966)*. Mas diferente de Sinhazinha que experiência a vida sexual livre nos braços do amante, dona Flor é incentivada por seu marido Vadinho, um boêmio, um mulherengo e jogador compulsivo, que não tolerava peças de roupas ou qualquer outra coisa a cobrir dona Flor, enquanto ela ficava sem jeito de mostrar-se sem roupas ao marido. Sinhazinha é casada com um fazendeiro, portanto alguém de posses, que vivia sob o forte controle da moral burguesa, em que "[...] foram séculos de modelagem. Na forma, a figura da esposa. Não a real, mas a ideal submissa, obediente, discreta. A mulher certa. Apenas ela merecia ser a mãe dos filhos, a santa no altar doméstico. (DEL PRIORE, 2014, p.72).

Essa é a mulher que Malvina não quer ser, a que Sinhazinha negou-se a continuar sendo, essa é a mulher que Gabriela não é. Malvina moça de família rica, não pensa em se submeter a figura masculina e quando Melk descobre o caso dela com Rômulo, João Fulgêncio o adverte dizendo: "– Ouça, coronel Melk: fale com sua filha com calma e compreensão, ela talvez o ouça. Se usar de violência, pode vir a se arrepender depois" (AMADO, 2012, p. 192). Mas, duas semanas depois, Melk levou Malvina para a Bahia, para interná-la no Colégio das Mercês. "Várias foram as pessoas que a acompanharam até o porto – até mesmo algumas colegas do colégio de freiras que, até bem pouco tempo, não falavam mais com ela por conta de seu namoro mal falado". (AMADO, 2012, p. 205). Entretanto, Malvina tinha outros planos:

> Esse conflito entre as regras impostas pela sociedade e a ânsia de liberdade de Malvina resolve-se, com grande escândalo, com a fuga da moça para São Paulo, para trabalhar de dia e estudar à noite." Sua determinação era tanta que "Nem a tristeza da mãe, nem a declaração do pai de que não tem mais filha, impedem Malvina de decidir a própria vida, buscar a realização pessoal, transgredindo os códigos patriarcais vigentes [...] (BELLINE, 2008, p. 30-31).

Ninguém sabe seu paradeiro, seu pai manda procurá-la, sem sucesso. Alguns acreditam que ela está com Rômulo no Rio de Janeiro, mas ele jura nunca mais ter visto a moça desde o dia em que foram descobertos. E João Fulgêncio em sua visão ou conhecimento que tinha do mundo e das aspirações da moça diz "– Não volta, tenho certeza. Essa vai longe, sabe o que faz" (AMADO, 2012, p. 263). Apesar de não estar com nem um homem e ter ido embora sozinha para realizar aquilo que julgava melhor para sua vida, seu pai discorda de sua atitude ao saber de seu paradeiro. E assim, "muitos meses depois, em plena safra[26] do ano

[26] Está fazendo referência à safra do cacau, principal cultura de Ilhéus.

seguinte, noticiou-se que ela trabalhava em São Paulo, num escritório, estudando de noite, vivendo sozinha. A mãe reviveu […]"(AMADO, 2012, p. 263). No entanto, seu pai "recusou-se a ouvir uma palavra sequer:– Não tenho mais filha!" (AMADO, 2012, p. 263).

Para Brugge, a trajetória de Malvina está ligada a lógica patriarcal, ou seja, presa aquilo que ela não gosta. "o plano inicial [...] para libertar-se da tirania de seu pai era casar-se com um homem vindo de fora, que a arrancaria do lar paterno, onde vivia aprisionada, e a levaria para um outro lugar, distante dali, onde poderia viver a vida livre que sempre sonhou (BRUGGE, 2015, p.48)." Ela ainda completa, "Ou seja, ela cogitava sempre a existência de um homem libertador que um dia apareceria e a libertaria do mal que a aprisionava. A lógica desta estrutura é, claramente, a dos contos de fadas – lidos para as meninas quando crianças – bem como dos livros da biblioteca cor-de-rosa, (...) (BRUGGE, 2015, p.48). De acordo com análise feita por esta autora, se em um primeiro momento, somos tentados a ver Sinhazinha e Malvina como subversivas, como contestadoras das normas e dos valores, como personagens que romperam com o modelo tradicional de mulheres de família,

> […] a partir de uma leitura como a de Deleuze e Guattari, podemos ver que a situação de ambas não é tão revolucionária assim. Malvina lança-se ao enfrentamento, mas não conseguindo livrar-se de Ilhéus agindo nela, teve de fugir para viver algo diferente. Do mesmo modo, Sinhazinha, que, para não abalar seu casamento e status social, vivia seu romance com o dentista às escondidas. Em última análise, pode-se dizer que tanto Sinhazinha como Malvina mantiveram-se presas em um regime disciplinar própria de um jogo de xadrez e, embora questionassem ou sentissem necessidade de experienciar algo diferente, não tinham a capacidade de romper com as regras de modo frontal. (BRUGGE, 2015, p. 93)

Brugge utiliza da metáfora de Deleuze e Guattari sobre o xadrez e o go Deleuze e seu Tratado de Nomadologia. Segundo ele, "o xadrez é um jogo de Estado ou de corte" (DELEUZE, 1997, p. 13 *apud* Brugge, 2015, p.91) enquanto no xadrez as peças têm nomes, posições e movimentos imutáveis. "Cada uma é como um sujeito de enunciado, dotado de um poder relativo; e esses poderes relativos combinam-se num sujeito de enunciação, o próprio jogador de xadrez ou a forma de interioridade do jogo." (DELEUZE, 1997, p. 13 *apud* Brugge, 2015, p.91). Enquanto no *go*,

> [...] são grãos, pastilhas, simples unidades aritméticas, cuja única função é anônima, coletiva ou de terceira pessoa: "Ele" avança, pode ser um homem, uma mulher, uma pulga ou um elefante. Os peões do go são os elementos de um agenciamento maquínico não subjetivado, sem propriedades intrínsecas, porém apenas de situação. [...] Assim, as relações entre as peças no xadrez e no go são muito diferentes:." [...]. Por sua vez, um peão do go, sozinho, pode "aniquilar sincronicamente toda uma constelação, enquanto uma peça de xadrez não pode (ou só pode fazê-lo diacronicamente)" [...]. Há uma diferença entre as peças dos dois jogos " as peças do xadrez mantêm uma relação de correspondência com os elementos de seu próprio grupo e com os do seu adversário. Cada peça possui, portanto, uma função

> estrutural" enquanto que "o peão do go, ao contrário, "tem apenas um meio de exterioridade, ou relações extrínsecas com nebulosas constelações, segundo as quais desempenha funções de inserção ou de situação, como margear, cercar, arrebentar"(BRUGGE, 2015, p.91).

Ao passo que, "Deleuze usa o exemplo do xadrez e do *go* para distinguir a máquina de guerra do aparelho de Estado." Brugge faz uma analogia, onde as personagens Sinhazinha e Malvina seriam peças de xadrez da cidade. Assim como no xadrez cada peça tem sua função, com peças de maior valor que outras "cada uma delas possui sua função e sem elas a dinâmica do jogo se perde (BRUGGE, 2015, p.92). Sobre isso ela diz,

> No romance, todas as personagens têm, cada uma a seu modo, uma função dentro da trama social. Cada qual desempenha um papel para o funcionamento da máquina do Estado. Mesmo aquelas personagens que representaram algum tipo de resistência ao sistema, como é o caso de dona Sinhazinha (que trai o marido) e Malvina (que deseja trabalhar, escapar do casamento arranjado pela família e namora um homem casado), analisando com calma, vê-se que elas nada mais são que peças do xadrez de Ilhéus. (BRUGGE, 2015, p. 90)

Para ela, as ideias de Deleuze, a partir da metáfora do xadrez e do *go*, "são interessantes para pensar essas questões da diferença e da subjetividade das personagens." (BRUGGE, 2015, p.92). Porque a partir dessa leitura é possível ver os atos das personagens de outra perspectiva "Através dessas ideias, certos paradigmas a respeito de uma personagem como Sinhazinha ou mesmo Malvina, acabam por ficar em suspenso" (BRUGGE, 2015, p.92).

A subjetividade é constituída pelas experiências particulares de cada sujeito, tudo aquilo que é íntimo de cada indivíduo, corresponde como cada pessoa experimenta e internaliza suas vivências, como se sente e como relaciona consigo e com os outros e como cada sujeito interpreta o mundo. Isso envolve emoções, sentimentos e pensamentos que cada um desenvolve e estabelece consigo mesmo em sua vida. São nossas experiências subjetivas que nos caracterizam como um ser singular em meio a um grupo de pessoas. Nesse sentido cada pessoa difere, pois, passa por diferentes situações e reage de forma diferente aos acontecimentos. A forma como cada um interpreta a realidade é única e individual, porém nossos valores e conceitos não são estáticos, a maneira como lidamos e sentimos as coisas também se transformam, as experiências de vida e o contato com a diversidade cultural nos possibilitam novos modos de ser.

A subjetividade está além do EU, da individualidade, não implica uma posse mais sim uma produção que não pára, acontece a partir do encontro que vivenciamos com o Outro[27]. Ela é compreendida enquanto um processo no qual comparecem e também participam múltiplos componentes, "[…] da qual o sujeito é um efeito provisório, mantém-se em aberto uma vez que cada um, ao mesmo tempo, em que acolhe os componentes de subjetivação em circulação, também os emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva viva."(MASANO, 2009. p.111).

Essa subjetividade é produzida e modelada a partir do social, valores, normas e ideias, ganham sentido singular. A disseminação desses componentes acontecem a partir de uma série de instituições, aceitas e convencionadas, em uma cultura, em uma sociedade.

> É necessário acrescentar que a difusão desses componentes se dá a partir de uma série de instituições, práticas e procedimentos vigentes em cada tempo histórico. É nessa dinâmica mutante que os processos de subjetivação vão tomando forma, contando com a participação das instituições, da linguagem, da tecnologia, da ciência, da mídia, do trabalho, do capital, da informação, enfim, de uma lista vasta que tem como principal característica o fato de ser permanentemente reinventada e posta em circulação na vida social. Assim, esses componentes ganham importância coletiva e são atualizados de diferentes maneiras no cotidiano de cada vivente. Por isso mesmo, eles podem ser abandonados, modificados e reinventados em um movimento de misturas e conexões que não cessa. Pode-se dizer, então, que os múltiplos componentes de subjetividade difundem-se como fluxos que percorrem o meio social, dando-lhe movimento. (MASANO, 2009. p.111)

Portanto, cada sociedade, cultura em seu momento histórico, mantêm suas próprias instituições sociais da realidade. É com essas dinâmicas, podemos dizer mutantes, que os processos de subjetivação – aqueles que formam e moldam a subjetividade – vão tomando forma. Os processos de subjetivação dependem das realidades das instituições sociais, cada cultura e sociedade tem seus modos de subjetivação e eles podem tomar as mais diferentes configurações, sendo que estas operam para produzir formas de organização sociais distintas. Como coloca Mansano, mutantes, portanto, são justamente esses modos de subjetivação que fazem com que os sujeitos construam subjetividades distintas.

Foucault ao dedicar-se uma a sua investigação histórica as maneiras de existir do sujeito, suas práticas de "cuidado de si", passando pela descrição e análise da sociedade disciplinar e atentando-se para a emergência histórica do Estado e de suas intervenções biopolíticas sobre o corpo do indivíduo e da população, percebeu que estas tiveram como objetivo conduzi-lo a uma compreensão de como os modos de subjetivação são constituídos e

[27] Esse outro pode ser entendido como o outro social, e também tudo o que produz efeito nos corpos e na forma de se viver.

disseminados, "resgatando os gregos e suas práticas de 'cuidado de si', passando pela descrição e análise da sociedade disciplinar e atentando-se para a emergência histórica do Estado e de suas intervenções biopolíticas sobre o corpo do indivíduo e da população."(MANSANO. 2009. 112). Assim

> No seu entender, o final do século XX é marcado pelo terceiro tipo de luta que coloca em evidência os modos de subjetivação e as possibilidades de resistência que eles atualizam. Resistir hoje se torna uma ação política quando, por exemplo, recusamos o individualismo já tão naturalizado em nosso cotidiano e insistimos nos encontros, fazendo circular as invenções microssociais de novas formas de vida que não se revertem em regras universais obrigatórias. A regra universal, ao pretender englobar a totalidade dos indivíduos, comprometendo-os com a obediência, simplesmente inviabiliza o contato com a diferença e com a criação de novas possibilidades de existir. (MANSANO. 2009. 112)

Se comparadas com outras personagens, que aceitam e congregam dessas ideologias, se sujeitam as verdades construídas, postuladas e fortalecidas pelas relações de poder[28], estas personagens não aceitaram de forma passiva, elas romperam a linearidade de discurso contínuo, único, ou seja, elas fazem uma resistência a essas forças que as subjetivaram. Não há uma verdade única, mas diversas verdades que são postuladas e fortalecidas pelas relações de poder, que instituem saberes e produzem subjetividades. A subjetividade é o resultado dessas relações de forças que instituem saberes – esses saberes que são tidos como discursos – são modos de subjetivação que constituem a subjetividade dos sujeitos, os embates resultam em saberes que subjetivam os sujeitos, onde eles podem fazer resistência a essas forças. Ou seja, o sujeito que somos hoje é resultado desses embates de forças e o estabelecimento dos diversos saberes. As maneiras de existir do sujeito podem ser compreendidas como modo de subjetivação possível, os modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações, assim estas configurações contribuem para produzir vivências e experiências distintas e os modos de vida precisam ser abandonados porque outros pedem passagem. "Conclui-se assim que é em torno das personagens femininas que gravitam as narrativas de Jorge Amado, e não na esfera masculina."(BELLINE, 2008, p.35). O autor dá espaço a elas para mostrar força, capacidade e poder de decisão, "Focalizando esses seres normalmente à margem da vida social, o autor lhes confere força para subverter a ordem estabelecida e inaugura um novo tempo de celebração da vida e da liberdade. (BELLINE, 2008, p.35)

[28] As relações de poder em Foucault se deferência de ideia de poder polarizado, entre burguesia e proletariado empregada pelo marxismo. Não existe uma dicotomia, o poder está disseminado na sociedade, em todas as camadas sociais, nas relações familiares mais íntimas. Essas relações de poder produzem diferentes verdades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance "*Gabriela, cravo e canela: crônicas de uma cidade do interior*", a vida das mulheres é marcada por preconceitos, imposições de valores, por dificuldades, abusos, e violência. Tomamos como objeto de estudo as personagens femininas do romance do escritor Jorge Amado e podemos observar o quanto a vida das mulheres consideradas "sem família", ou "mulheres do mundo", "sem *cabaço"* como Gabriela refere a si mesma, são vistas como objeto sexual. Em paralelo estão as mulheres que se enquadravam no status de pertencentes a "boa família", educadas e preparadas para assumirem o papel de mães e esposas, cabendo a elas ocuparem o espaço doméstico.

O objetivo principal deste estudo consistiu em analisar a partir das personagens Gabriela, Sinhazinha e Malvina, como se constrói, no romance, os modos de subjetivação dessas mulheres e como esses corpos representam a "anti-norma" da moral burguesa, enquanto sujeitos pertencentes a uma sociedade com seus costumes e visão de mundo patriarcal, machista e misógino. Observamos que o romance de Jorge Amado retrata a sociedade ilheense da década de 1920, portanto, podemos perceber o quanto a mulher é moldada a fim de se encaixar nos padrões dessa sociedade. Nesse contexto social, elas deveriam se dedicarem ao lar, enquanto aos homens era permitido estudar e buscar diversões.

A determinação é uma característica que estava presente nas três personagens que pretendiam alcançar a liberdade que lhes era restrita ou tirada. A sensualidade é um atributo da personagem Gabriela que, com o seu jeito de menina, meio alheia as normas e aos padrões de comportamento estabelecidos, vive sua vida. Sinhazinha, casada, busca fora do seu casamento um relacionamento diferente dos padrões estabelecidos pela sociedade para uma senhora de sua classe social. Malvina, que vivia em confronto com a autoridade do pai, é uma personagem que busca liberdade, mas ainda está presa aos costumes da época, uma vez que, para ela, sair de Ilhéus só seria possível se casando.

Elas jogam como as normas em quanto podem fazer isso, ou seja, enquanto não conseguem sair desse mundo dito "oficial". Mas a partir do momento que essas mulheres tomam consciência de sua trajetória, elas rompem essas barreiras e vivem suas vidas. Essas personagens representam uma anti-norma não só ao romperem, mas ao terem consciência do que acontece ao seu redor. Elas sabem que não querem a vida socialmente estabelecida referente aos padrões de comportamento que deveriam seguir. Isso por si só confere um rompimento na linearidade do discurso histórico preestabelecido e aceito pela sociedade.

Nesta perspectiva, o estudo por meio do cotidiano, que revela a condição da mulher no período coronelista, tornou possível analisar os modos de subjetivação das personagens e como elas representam a "anti-norma". Podemos perceber, a partir dessa análise, que o caminho percorrido pela mulher em busca de seus direitos e de sua liberdade de escolha, foi árduo. Podemos ver que essa realidade não está tão distante da nossa sociedade atual e que as diferenciações entre mulheres e homens e os espaços e papéis que cada um ocupa ou pode ocupar, ainda é uma constante disputa em nossa sociedade.

A metodologia empregada possibilitou destacar situações em que as relações de gênero sujeitaram a mulher a uma condição de inferioridade ao homem. Os papéis de masculino e feminino no enredo de *Gabriela, cravo e canela* se apresentam como uma discussão do que seria permitido para o homem e para a mulher. Mas foi possível ver que essas mulheres ao romperem com esse papel de exclusão, mostrando suas personalidades fortes, mantiveram-se firmes diante da sociedade que legitimava as normas e os valores de uma cultura marcadamente machista.

Para o desenvolvimento do presente trabalho de pesquisa, se fez necessária a leitura de um diversificado material teórico que deu suporte à reflexão aqui realizada sobre a representação da mulher no romance. O momento de pandemia que vivemos não permitiu o acesso a todo o material inicialmente desejado, mas foi possível desenvolver a pesquisa com o material disponível. Encontrou-se como limitação desta pesquisa a lacuna existente na literatura científica vinculando literatura, mulheres e século XX.

Esperamos que este estudo possa trazer um novo olhar sobre literatura e mulheres, e que possa também servir de recurso tanto no ensino de história envolvendo questões de gênero, como para as pesquisas que abordem esta temática.

Referências

ABUD, Kátia Maria; MELO, André Chaves; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de história**. São Paulo,SP: Cengace Learning. 2010.

AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado**: uma biografia. São Paulo: Todavia, 2018.

ALENCAR**, José de. Senhora.** 1ª ed. **Paulus. 2005.**

Amado, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela:** cronicas de uma cidade do interior. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **Questões de literatura e estética:** a teoria do romance. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. Representações do feminno. In: **A literatura de Jorge Amado.** Cadernos de leituras. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARROS, José D` Assunção. **Fontes Históricas**: revisando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. Mouseion, n 12. 2012.

BATAILLE, Georges. O erotismo. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
BRAIT, Beth. **Bakhtin:** outros conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2005.

BRUGGE, Úrsula Lima. **Gabriela, cravo e canela:** subjetividade feminina e resistência na obra de Jorge Amado. Tese (Doutorado) Universidade Federal, Faculdade de Educação do Ceará, Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Prazeres e pecados do sexo na história do Brasil**. Brasil, Edições Sesc SP, 2019.

CASTELLO, José. Jorge Amado e o Brasil. In: Schwarcz, Lilia Moritz; Goldstein, Ilana Seltzer. **O universo de Jorge Amado**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2009.

CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da mulata.** Cadernos pagu (6-7) 1996: pp.35-50

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997.

DAL-SASSO, Sonia Maria**. Sátira e carnavalização no Auto da Compadecida de Ariano Suassuna.** REVISTA CIENTÍFICA DA FAMINAS – V. 8, N. 3, SET.-DEZ. de 2012

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. *4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.*

FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira.** Período Republicano, 1889-1964. São Paulo: Difel, 1975-1984.

_____. A Revolução de 1930. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Brasil em perspectiva.** São Paulo: Difel, 1968.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 61-91.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Pulo: Global, 2004.

_____. **Sobrados e mucambos:** decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global Editora, 2006.

FRITZAN, Vanessa**. CARNAVAL E LITERATURA:** elementos da literatura carnavalizada em anais da província-boi, de Assis Brasil. revista Trama - Volume 8 - Número 15 - 1º Semestre de 2012 - p. 151-167

FOUCAULT, Michel. **Micro-física do poder**. São Paulo: Graal, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. **Histórias de mulheres, modernização social e conflitualidades de classe e gênero.** XV Encontro Regional de História – ANPUH-Rio Ofício do Historiador: Ensino e Pesquisa. São Gonçalo, jul de 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

MALUF, Maria; MOTT, Maria Lucia. Os recônditos do mundo feminino. In: **História da Vida Privada no Brasil**, Nicolau Sevcenko (Org.), vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP, 8(2). 2009.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes; MELO, Hildete Pereira de. **Os direitos civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 e 1962.** Ou como são feitas as leis. Revista Estudos Feministas, vol. 16, núm. 2, mayo-agosto, 2008, pp. 463-488 Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil.

MATOS, M. I. S. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: **O Corpo feminino em debate**. M. I .S. e R. S.(orgs). São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 107-127.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raca, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º seminário nacional relações raciais e educação-penesb-rj, 05/11/03.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes,1994.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. **Das impertinências do corpo de Gabriela no romance de Jorge Amado.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 23-30, out./dez. 201.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2015.

REIS, José. Carlos. **Nouvelle Histoire e o Tempo Histórico**: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

REIS, José Carlos. **A identidade do Brasil:** de Varnhagen a FHC. Rio De Janeiro: FGV, 2006. 280p.

TADEI, Emanuel Mariano. **A Mestiçagem Enquanto um Dispositivo de Poder e a Constituição de Nossa Identidade Nacional**. Psicologia, ciência e profissão, 2002.